

An abstract painting with a white background. The top half is dominated by large, expressive brushstrokes in various shades of green, from light to dark. Below this, a dark, almost black, figure with a rounded head and a long, thin neck is depicted. The figure's body is composed of dark, textured strokes. To the right of the figure, there are large, vibrant blue brushstrokes, interspersed with smaller, bright orange and red spots. The overall style is gestural and expressive, suggesting a sense of movement and energy.

Inventar

Processos Poéticos, Intervenção Artística
e Educação Patrimonial.

Marina Souza Medeiros

Inventar

Processos Poéticos, Intervenção Artística
e Educação Patrimonial.

Marina Souza Medeiros

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial Prof. Cândido Athayde – Campus Parnaíba
Serviço de Processamento Técnico

M488i Medeiros, Marina Souza

Inventar: processos poéticos, intervenção artística e educação patrimonial [recurso eletrônico] / Marina Souza Medeiros. – 2019.

1 Arquivo em PDF

Dissertação (Mestrado em Museologia) - Universidade Federal do Piauí, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Fernando Antonio Baptista Pereira.

Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a. Rita de Cássia Moura Carvalho.

1. Museologia. 2. Arte. 3. Educação Patrimonial. 4. Pesquisa-ação. 5. Sociopoética. I.Título.

CDD: 069.15

© Copyright 2019

Marina Souza Medeiros

INVENTAR: Processos Poéticos, Intervenção Artística e Educação Patrimonial.

Créditos

Esta dissertação faz parte os resultados de pesquisa-ação sob o título “INVENTAR: Processos Poéticos, Intervenção Artística e Educação Patrimonial”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Piauí.

Edições Museu da Vila

2019 | INVENTAR: Processos Poéticos, Intervenção Artística e Educação Patrimonial.

Universidade Federal do Piauí | Reitor

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-reitora | Prof.ª Dr.ª Nadir do Nascimento Nogueira

Pró-reitora de Ensino de Pós-graduação | Prof.ª Dr.ª Regina Lúcia Ferreira Gomes

Coordenador de Programas Stricto Sensu | Prof. Dr. Welter Cantanhêde da Silva

Diretor do Campus Ministro Reis Veloso | Prof. Dr. Alexandro Marinho Oliveira

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

Orientador do Trabalho Final de Mestrado | Prof. Dr. Fernando Antonio Baptista Pereira

Co-Orientadora | Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia Moura Carvalho

Banca Examinadora

Prof. Dr. Fernando Antonio Baptista Pereira | UFPI/UL | Brasil/Portugal

Prof.ª Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho | UFPI | Brasil

Prof.ª Dra. Áurea da Paz Pinheiro | UFPI | Brasil

Prof.ª Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad | UFPI | Brasil

Capa | Desenho de Claylton Amaral com concepção gráfica de Rosa Karina C. Cavalcante

Fotografias de chamada | Nome autor

Fotografias | Acervo Museu da Vila

Concepção e composição gráfica | Rosa Karina Carvalho Cavalcante

Impressão e acabamento | Gráfica

Museu da Vila | Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

Rua José Quirino | Bairro Coqueiro | Luís Correia | PI

www.museologiapiui.com | e-mail: mapm@ufpi.edu.br

MARINA SOUZA MEDEIROS

INVENTAR

Processos Poéticos . Intervenção Artística . Educação Patrimonial.

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Editais nº 01/2016

3ª Turma | 2017-2019

Orientador Prof. Dr. Fernando António Baptista Pereira

Co-orientadora: Prof.ª Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho

Trabalho apresentado e aprovado em 24 de julho de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Antonio Baptista Pereira
(Orientador | Universidade Federal do Piauí - UFPI / Universidade de Lisboa - UL)

Prof.ª Dra. Rita de Cássia Moura Carvalho
(Co-orientadora | Universidade Federal do Piauí | UFPI)

Prof.ª Dra. Áurea da Paz Pinheiro
(Avaliadora Interna | Universidade Federal do Piauí | UFPI)

Prof.ª Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad
(Avaliadora Externa | Universidade Federal do Piauí | UFPI)

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Marina Souza Medeiros, CPF: 017580893-77, declaro que o trabalho intitulado "INVENTAR: Processos Poéticos, Intervenção Artística e Educação Patrimonial", é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm a devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas acadêmicas.

Vila-Bairro Coqueiro da Praia (PI), 24 de julho de 2019

Marina Souza Medeiros

Às pessoas da Vila-Bairro Coqueiro da Praia.

AGRADECIMENTOS

Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade.

Raul Seixas

Minha gratidão é para todos os queridos que sonharam junto.

À minha família, que sempre acreditou e me incentivou a inventar asas para eu chegar onde quiser.

Àquela que sempre me ensinou a modelar a vida rumo à liberdade, desde quando, ainda menina, me descobri com os poros preenchidos de argila, em seu ateliê, minha mãe, meu maior exemplo e inspiração.

Ao meu filho, João, porque, juntos, caminhamos de mãos dadas, na beira do mar, para a realização desse sonho. Tudo, sempre, por você!

Ao meu companheiro, Dráusio Valentim, por caminhar junto, em todos os momentos, colaborando, preenchendo-me de força e esperança, sempre que as dificuldades apareciam; comemorando junto, inventando junto e sonhando junto.

À querida amiga, Prof.ª Dr.ª Shara Jane, obrigada, por fazer eu me apaixonar pela Sociopoética e preencher meu corpo de afetos, emocionando-me em todos os momentos de encontros para orientações e conselhos.

Às Professoras Doutoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura, por toda a orientação e exemplo. Aprendi muito sobre colaboração, força e vontade de realizar.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Antônio Baptista, que, mesmo distante, pôde me orientar, da melhor maneira, pelos caminhos da pesquisa.

À amiga e professora Ellen Mourão pelo incentivo, parceria e amizade desde quando tudo isso ainda era somente um sonho.

Aos queridos amigos que sonharam junto, aos mestrandos da Turma 3, que construíram essa rede incrível de afetos e realizações, que possamos ser exemplo para todos os outros que virão.

Ao Grupo-Pesquisador, Omael, Leticia, Francisco (Mamona) e Antônio Filho, que me fizeram descobrir a Vila-Bairro Coqueiro de dentro para fora, com toda a força de se saber sonhar que a juventude possui; tornaram-me pesquisadora e amiga.

Aos estudantes da Escola Municipal Carmosina, convidados desta pesquisa e das ações do Museu da Vila, pela afetuosa participação em todos os momentos, e por acreditarem no trabalho que o Museu está realizando na comunidade, nada seria possível sem vocês.

A toda a comunidade que me recebeu de braços abertos em todos os momentos; eu quero estar entre vocês por tempo indeterminado, e construir ali minhas memórias.

Ao querido amigo, artista visual Arthur Doomer, que colaborou em trazer para a pesquisa uma ramificação de sua caminhada, na arte em que tem abraçado comunidades de diversas regiões, com o objetivo de trocar experiências, aprendizados e afetos. Minha mais profunda gratidão!

Obrigada a todos!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 Pescador na Praia do Coqueiro, 2018 | 32
- Figura 2 Cosmonário: memórias inventadas de si, Coqueiro da Praia, ago. de 2018 | 42
- Figura 3 Registro da Turma 3 do PPGAPM, 2017 | 54
- Figura 4 Antônio Filho, Oficina de Sociopoética, 2018 | 74
- Figura 5 Omael Aguiar, Oficina de Sociopoética, 2018 | 74
- Figura 6 Francisco Nascimento, Oficina de Sociopoética, 2018 | 74
- Figura 7 Letícia Aguiar, Oficina de Sociopoética, 2018 | 74
- Figura 8 Oficina-Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018 | 76
- Figura 9 Produção oficina de Sociopoética. Letícia Aguiar, 2018. | 84-85
- Figura 10 Omael. Oficina de Encadernação Artesanal, maio 2018 | 88
- Figura 11 Instalação com desenhos Mamona. Escola Carmosina, maio de 2018 | 90
- Figura 12 Grafite na ação Escola Carmosina por Mamona, maio de 2018 | 91
- Figura 13 Visita a exposição Confluências. Sesc Caixeiral, maio de 2018 | 93
- Figura 14 Produção oficina de Sociopoética. Francisco Nascimento, 2018 | 97
- Figura 15 Produção oficina de Sociopoética. Letícia Aguiar, 2018 | 98-99
- Figura 16 Grupo-Pesquisador, Movimento Maré Cheia, Maré Seca, 2018 | 101
- Figura 17 Produção oficina de Sociopoética. Antônio Filho, 2018 | 102
- Figura 18 Grupo de Jovens Pesquisadores, Construção do Mapa Sensível, 2018 | 103
- Figura 19 Produção Cosmonário, Momento Meditação, ago. 2018 | 106
- Figura 20 Produção do Cosmonário. Conversas, na orla da Praia do Coqueiro sobre as Respostas dos Jovens, ago. 2018 | 108
- Figura 21 Encontro de Pescadores na “graminha”, ago. 2018 | 109
- Figura 22 Oficina-Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018 | 112
- Figura 23 Oficina-Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018 | 114
- Figura 24 Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018 | 114
- Figura 25 Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018 | 115
- Figura 26 Encontro com a Associação do Movimento de Hip-hop da Planície Litorânea, Museu da Vila, out. 2018 | 116
- Figura 27 Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018 | 117
- Figura 28 Produção Avaliação Mural Coletivo. Mykele Galeno, 2018. | 120-121
- Figura 29 Regando os peixes. Técnica Giz de Cera derretido, Museu da Vila, nov. Clayton Amaral, 2018. | 122-123
- Figura 30 Avaliação Oficina-Mural, Museu da Vila, out. 2018 | 125
- Figura 31 Produção avaliação Mural Coletivo. Thalysen Aragão, 2018 | 126-127

LISTA DE QUADROS E MAPAS

Quadro 1	Perguntas e respostas sobre a vontade de os alunos produzirem arte e memórias suas e da família 78
Mapa 1	Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba 30
Mapa 2	Vila-Bairro Coqueiro da Praia, Luís Correia-PI 30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADIC	Associação para o Desenvolvimento de Iniciativas de Cidadania
APA	Área de Proteção Ambiental
FUNARTE	Fundação Nacional das Artes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MUDE	Rede de Museus do Delta do Parnaíba
PASUS	Núcleo de Educação para o Patrimônio, Direitos Humanos e Sustentabilidade
PPGAPM	Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RUA	Residência Artística Artérias Urbanas
SESC	Serviço Social do Comércio
UFPI	Universidade Federal do Piauí

RESUMO

Inventar foi um projeto que propôs contribuir para as discussões a respeito dos novos caminhos que movem a Museologia e Inovação Social, como prática de transformação, por meio da sensibilização das comunidades, para a melhoria e proteção do patrimônio e suas memórias. Foi realizado na Vila-Bairro Coqueiro da Praia, no município de Luís Correia (PI). Para tanto, foram utilizados processos poéticos e intervenção em arte, como instrumento para conscientização através de práticas de educação patrimonial, em uma série de encontros que convergiam em oficinas, conversas, apresentações, visitas à exposição e intervenção artística na Vila-Bairro. Participaram: um grupo-pesquisador, os estudantes da Escola Municipal Carmosina, a Comunidade e artistas convidados. O Projeto Inventar é uma fração das ações que vêm sendo realizadas na região Norte do Estado do Piauí, através do Programa de Pós-Graduação em Arte, Patrimônio e Museologia (PPGAPM), mais especificamente na Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba (APA), que idealiza e realiza uma rede de Museus de território na região, visando contribuir para a sensibilização das comunidades ribeirinhas, deltaicas e praijeiras, sobre os patrimônios ali pertencentes. As ações em rede vêm atuando por meio de práticas colaborativas, motivadas pelo olhar atento e atuante da Coordenação do PPGAPM e dos mestrandos, no que se refere às problemáticas que circundam a Comunidade e seus patrimônios, nos âmbitos cultural e natural. Isto se dá tendo em vista as transformações emergentes que as sociedades têm sofrido na modernidade, em relação aos processos de globalização que tendenciam a homogeneização das identidades culturais e suas memórias, mesmo aquelas que, de certa forma, resistem por estarem mais afastadas dos grandes centros econômicos e sociais. Essa homogeneização provoca o esquecimento das memórias ancestrais locais e, em consequência, o enfraquecimento e distanciamento das pessoas para o uso devido de seus patrimônios. Realizamos a pesquisa pela hibridização de duas metodologias, a Pesquisa-Ação e a Sociopoética; com a escolha dessas metodologias, foi possível fazer dois momentos que definiram a pesquisa e culminaram com a intervenção artística na Vila-Bairro.

Palavras-chaves: Museologia; Arte; Educação Patrimonial; Pesquisa-ação; Sociopoética.

ABSTRACT

Inventar was a project that proposed to contribute to the discussions about the new ways that move the museology and social innovation, as a practice of transformation, through the sensitization of the communities for the promotion and protection of the patrimony and its memories; carried out in Vila-bairro Coqueiro da Praia, in the municipality of Luís Correia / PI; using poetic processes and intervention in art as an instrument for raising awareness through heritage education practices, holding a series of meetings that converged in workshops, talks, presentations, visits to the exhibition and artistic intervention in the Vila-bairro, in which they participated: a group-researcher, students of the Camosina Municipal School, the community and invited artists. The Inventar project is a fraction of the actions that have been carried out in the northern region of the state of Piauí through the PPGAPM - Postgraduate Program in Art, Heritage and Museology, more specifically in the APA - Environmental Protection Area of the Delta do Parnaíba, that idealizes and realizes a network of Museums of territory in the region, aiming to contribute with the sensitization of the riverside communities, communities of the Delta do Parnaíba and coastal, about the patrimonies belonging to them. The actions have been working through collaborative practices motivated by the attentive look of the PPGAPM coordination and of the masters, on the issues surrounding the community and its cultural and natural heritage, in view considering the processes of globalization that tend towards the homogenization of cultural identities and their memories, even those that somehow resist because they are further away from the great economic and social centers; this homogenization causes the forgetting of the local ancestral memories and consequently distancing the people to the due use of their patrimony. We conducted the research by the hybridization of two methodologies, Action Research and Sociopoetics; with the choice of these methodologies it was possible to make two moments that defined the research and culminated with the artistic intervention in the Vila-Bairro.

Keywords: Museology. Art. Patrimonial Education. Action research. Sociopoetics.

Ao considerar os limites cognitivos da entrevista e as relações de poder que caracterizam as pesquisas acadêmicas foi criada a Sociopoética, voltada para a constituição de grupos-pesquisadores atores e sujeitos da pesquisa, com valorização das culturas populares e de resistência, mobilização do corpo inteiro como fonte de conhecimentos, utilização de técnicas artísticas de pesquisa e dialogicidade na interação entre a academia e as comunidades anfitriões da pesquisa (GAUTHIER, 2015).

SUMÁRIO

1. O QUE É INVENTAR | 28
2. COM QUANTOS FIOS E CORES SE INVENTA UMA REDE? | 40
3. O QUE NOS MOTIVOU? | 46
4. ARTICULADORES POÉTICOS | 52
5. POR QUE *INVENTAMOS*? | 58
6. POÉTICAS QUE NOS INSPIRARAM | 66
7. PERFIL SOCIOAFETIVO E INVENTADO DO GRUPO- PESQUISADOR | 70
8. ACOLHENDO E INVENTANDO POÉTICAS NA COMUNIDADE | 80
9. A POESIA DAS FALAS: A ESCUTA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS | 128
10. O QUE PODEMOS CONCLUIR? | 134

REFERÊNCIAS | 138

APÊNDICES | 142

APÊNDICE A | 143

APÊNDICE B | 150

APÊNDICE C | 152



1. O que é o inventar?

*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
 É preciso transvê o mundo.
 Isso seja:
 Deus deu a forma. Os artistas transformam.
 É preciso desformar o mundo:
 Tirar da natureza as naturalidades.
 Manoel de Barros*

O Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia (PPGAPM) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), com sede no Museu da Vila, Coqueiro da Praia, Luís Correia, trabalha de forma colaborativa, participativa e sistemática desde 2015, com agentes públicos, privados e sociais, a construir projetos de Natureza/Ação no campo da Museologia e Inovação Social na Área de Proteção Ambiental APA Delta do Parnaíba.

A APA Delta do Parnaíba é um bioma marinho costeiro, com 307.509,51 hectares. Uma Unidade de Conservação criada por Decreto Federal s/n de 28.08.1996, pelo Governo do Brasil. É coordenada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), CR5, localizada na cidade de Parnaíba, Piauí. Luís Correia é um dos dez municípios que integram a Unidade de Conservação, que abriga comunidades ribeirinhas e praieiras: Cajueiro da Praia, Parnaíba e Ilha Grande, no Piauí; Barroquinha e Chaval, no Ceará; Araisoses, Água Doce, Tutóia e Paulino Neves, no Maranhão (Mapa 1).

A Vila-Bairro Coqueiro da Praia está localizada na região Norte do Estado. É um bairro do município de Luís Correia, um dos quatro municípios do litoral piauiense, a 18 km de distância da cidade de Parnaíba e a 360km da capital do Piauí, Teresina. Tem uma população aproximada de 30.177 habitantes, sendo a Vila-Bairro com aproximadamente 300 famílias, segundo diagnóstico elaborado por mestrandos do Programa em 2017 (Mapa 2).

Há cinquenta anos, o lugar era apenas uma vila de pescadores, com acesso reduzido a localidades e cidades vizinhas. Gradativamente, a pequena comunidade se tornou um bairro, com equipamentos urbanos (escola, creche, posto de saúde). Na década de 1970, foi realizada a pavimentação de estradas que ligaram a Vila-Bairro ao centro da cidade de Luís Correia, a 10km de distância e a 20km da cidade de Parnaíba, o que ocasionou o início de um turismo pouco planejado, com infraestrutura precária.

A Vila-Bairro é um dos importantes berçários de tartarugas marinhas do Brasil; periodicamente desovam na orla da praia; trata-se de espécies raras e em perigo de extinção. São as tartarugas de couro (*Dermochelis coreacea*), tartaruga-verde (*Chelonia mydas*), tartaruga-oliva (*Lepidochelys olivácea*), tartaruga de pente (*Eretmochelys imbricata*), tartaruga cabeçuda (*Caretta*).

Foi nesta Vila-Bairro que idealizei este trabalho de pesquisa-ação, uma interface entre patrimônio cultural e intervenção artística. Realizei, junto aos colaboradores do PPGAPM e o Grupo-



Mapa 1 - Área de Proteção Ambiental Delta do Paraíba | Fonte: Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br>>.



Mapa 2 - Vila-Bairro Coqueiro da Praia, Luis Correia - PI | Fonte: Vitor Veríssimo, 2018.

Pesquisador, estudos, formação e produção em Arte com foco no Patrimônio Cultural do lugar, a considerar as memórias de uma Comunidade originária de grupos de pescadores artesanais. Para Alves, Moura, Pinheiro (2011, p. 19), “[...] o espaço museológico ganha status de território habitado, com o patrimônio integrado, idealizado com e pela comunidade, um instrumento de desenvolvimento para seus habitantes, um fator de sustentabilidade” (Figura 1).

Este projeto se insere e se articula como parte do Projeto Matriz do PPGAPM, cujo objetivo é formar uma Rede de Museus de Território na APA Delta do Parnaíba, ligada ao Ecomuseu Delta do Parnaíba (MUDE), que está atravessado pelo conceito de Museologia e Inovação Social, com ações participativas e colaborativas, para a emancipação social e valorização do patrimônio cultural local, de forma a integrar as comunidades.

O primeiro núcleo do MUDE, de natureza polinuclear, é o Museu da Vila, localizado na Vila-Bairro Coqueiro da Praia. Esse equipamento cultural foi inaugurado em 1º de junho de 2018, em antigo Grupo Escolar – Deputado João Pinto, sem uso há mais de sete anos, agora requalificado e com novo uso social.

O MUDE tem a missão de realizar programas, projetos e ações de sensibilização para preservação, pesquisa, documentação e comunicação do Patrimônio Cultural da APA Delta do Parnaíba.

Portanto, a missão e vocação da Rede é desenvolver projetos e ações de pesquisa, documentação e comunicação com foco na paisagem cultural do território, para seu conhecimento, reconhecimento e valorização, de forma a promover a construção coletiva de histórias e memórias de comunidades ribeirinhas, praias e deltaicas, com estímulo às reflexões sobre a importância dos patrimônios cultural e natural, de ações a serviço da sustentabilidade (social, ambiental e econômica), com o envolvimento direto das populações residentes nas ações museais (PINHEIRO, CARVALHO, 2018, p. 209).

A considerar a missão e vocação do MUDE, os alunos do PPGAPM, a partir de suas formações iniciais, habilidades e competências, são orientados a propor projetos de natureza/ação para afirmar a tessitura da Rede, com foco na Museologia e Inovação Social, Integral e Integradora. Orientados pela pesquisa social aplicada, alunos, professores e comunidade, juntos, promovem



Figura 1 - Pescador na Praia do Coqueiro, 2018 | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

uma diversidade de estudos e intervenções (THIOLLENT, 2011, p. 14), com o olhar sobre as comunidades, sobre o território e patrimônio cultural, buscando interpretar, valorizar, produzir conhecimentos quanto à importância da preservação, pesquisa, documentação e comunicação do patrimônio cultural.

Para Michel Thiollent (2011, p. 25), esse modelo de estudos “[...] trata-se de um conhecimento a ser cotejado com outros estudos e suscetível de parciais generalizações no estudo de problemas sociológicos, educacionais ou outros, de maior alcance”. Logo, esta natureza de pesquisa fortalece as metodologias participativas dos estudos de museus em rede.

Os projetos do PPAPM se materializam em estudos e ações multidisciplinares e multiprofissionais, que somam esforços e constroem uma trama de educação para o conhecimento e reconhecimento das identidades locais (HALL, 2006).

Tendo em vista que a Comunidade é o ator principal na construção das ações para a Museologia e Inovação Social, onde narrativas são construídas junto desses atores, em que “colocam em diálogo ética e estética, a partir de uma retórica de inovação” (LEITE, 2014). Desta forma “o sentido de inovação no espaço museológico possibilita a construção de novos patrimônios a partir do diálogo” (Ibid., 2014), não se opondo ou excluindo o que já existe, mas também o percebendo de maneira inovadora e ativa, em que a “memória é colocada em constante diálogo com o real” (Ibid., 2014).

O conceito de Inovação Social trabalha com a Museologia dentro dos processos de globalização, abrangendo o patrimônio para além da conservação e salvaguarda, que são indispensáveis, mas os colocando principalmente como socialmente qualificados; uma Museologia com vida, com criatividade, diálogo e inovação, que pode, inclusive, criar formas de democratização e acesso à informação. Leite (2014, p. 5) enfatiza “O patrimônio não é o apenas o que se tem, mas sobretudo o que se pode fazer com ele”, em que os saberes locais são pontos de partida para a inovação.

Como mestranda e arte educadora, nesse contexto, minha proposta foi promover ações com o uso da Arte como dispositivo para sensibilizar o olhar da Comunidade sobre a importância da construção coletiva, para abraçar o patrimônio cultural, acessar memórias, sentimentos e emoções, tendo em vista que:

O patrimônio cultural forma-se a partir de referências culturais que estão muito presentes na história de um grupo e que foram transmitidas entre várias gerações. Ou seja, são referências que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. São as referências que se quer transmitir às próximas gerações (IPHAN, 2016, p. 7).

Usei como inspiração os estudos de inventários participativos, o Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), adaptando-o para o registro de referências culturais, associadas às formas de expressão, por meio de intervenções artísticas.

Os inventários participativos do Patrimônio Cultural têm se revelado instrumentos de sensibilização dos detentores de heranças ancestrais e incentivadores de diálogos entre gerações. Nos valem do material didático adaptado pelo Iphan para o Programa Mais Educação, do Governo Federal (2013); recurso que colaborou com nossas ações de sensibilização para o patrimônio cultural da localidade que elegemos para estes estudos e intervenções.

O manual nesses últimos dez anos foi adaptado para que as instituições de ensino/educação, formal e não formal, pudessem utilizá-lo, sem caráter oficial, mas como exercício de cidadania e participação social para a preservação e valorização de referências culturais brasileiras (IPHAN, 2016, p. 7).

Com o Projeto *Inventar*, pude conhecer e registrar referências culturais associadas às formas de expressão de jovens entre doze a vinte e um anos, com o objetivo de firmar suas relações de afeto com o lugar que habitam. Nos valem, a pesquisadora e os colaboradores, igualmente, de processos de criação artística, que nos permitiram reconhecer, sensibilizar e valorizar referências culturais desses jovens. A metodologia da pesquisa-ação tem sido de grande valia neste trabalho de educação e a arte, como possibilidade de percepção de si e do outro.

O projeto visou de maneira panorâmica a construção de uma pesquisa-ação com a Comunidade da Vila-Bairro Coqueiro, nos valendo de trocas e experimentações no campo da Arte, Patrimônio Cultural e Museologia e Inovação Social, a partir de ações específicas em que propôs reflexões na comunidade sobre patrimônios (cultural e natural); promoveu encontros, oficinas, ações e discussões, com o uso da Sociopoética; sensibilizou pela Arte grupos de jovens locais

e Interviú no território com uma produção de um Mural Coletivo, criado a partir do acolhimento poético sobre as categorias do patrimônio cultural e natural.

As práticas artísticas nos permitiram usar (cotejar) essas metodologias com os estudos e intervenções; nos impulsionaram a processos de criação, nos dando licença poética para repensar ao longo do trabalho uma proposta criativa em duas etapas: a primeira, com um Grupo-Pesquisador, formado por quatro jovens, com os quais nos encontramos ao longo de 2018; discutimos e experimentamos a arte; nos valendo de outro método qualitativo, participativo, um método sensível para a produção de dados, realizamos oficinas de Sociopoética (GAUTHIER, 2009).

Nessas oficinas construímos um diagnóstico dos problemas, lugares e saberes da Comunidade – sobre o que esses jovens consideram patrimônio do lugar. Produzimos uma quantidade significativa de dados, que analisamos na condição de pesquisador-facilitador; momento em que percebemos a potência das falas desses jovens, falas atravessadas por críticas sobre o território. Esses jovens representam uma geração que nasceu entre a tradição e a globalização, modernização e modernidade.

Essa percepção nos fez recorrer ao conceito de identidade e cultura pós-moderna de Stuart Hall (2006) e Zygmunt Bauman (2013), que nos permitem refletir sobre um mundo líquido, no qual as culturas, nossas referências simbólicas, são reduzidas em uma só, globalizante, nos processos que Bauman chama de “descartes” das identidades e na homogeneização dessas culturas.

Stuart Hall (2016, p. 62) afirma que as nações modernas são todas híbridos culturais; vivemos identidades culturais deslocadas, as diferenças são costuradas em uma única identidade (Ibid., p. 65). Para ele, “[...] as culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, construir identidades” e “[...] uma cultura nacional atua como uma fonte de significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação” (Ibid., p.56-57).

Ao observar as questões de identidade e cultura, na atualidade, percebi os problemas que diagnosticamos no território ao longo desses dois anos (2017-2018). Optei por usar técnicas e metodologias participativas, que nos possibilitaram uma reflexão sobre a comunidade, para que intervíssemos e construíssemos junto com as pessoas um projeto que acompanhe essas

transformações e me permitisse estar atenta aos jovens que representam o centro onde se irradiam as questões que me propus estudar e intervir, tendo em vista que a juventude está bastante associada aos modos de vida do consumo, das novas tecnologias, do lazer; modos de vida que têm determinado a contemporaneidade (SALES, 2014).

A forma de compartilhamento social de modos de vida, memórias e suas transformações na contemporaneidade representa o que denominaremos aqui de “Comunidade”, em que “há experiências complexas, históricas e culturalmente situadas, unidas pela contemporaneidade, marcada pela globalização, em que vivências e experiências locais são levadas a uniformizarem-se” (ALVES; MOURA; PINHEIRO, 2011).

A escolha da Sociopoética como conceito e método, como percurso sensível de diagnóstico, se justifica pela intensidade que propusemos para esta pesquisa, que traz à tona questões singulares e profundas de um Grupo, para revelar problemas opressores e institucionalizados, através de uma imersão nos processos criativos e nas possibilidades do corpo (GAUTHIER, 2009).

No segundo momento, o projeto se estendeu para outros atores sociais da Comunidade, quando propusemos a troca e experimentação em arte com um artista convidado, Arthur Doomer, que dialogou com alunos entre dez a dezesseis anos da Escola Municipal Carmosina Martins da Rocha, localizada na Vila-Bairro. Nessa experimentação, houve a participação do Grupo-Pesquisador. Previamente, identificamos, na Escola, dentre trezentos alunos, setenta e cinco que residem no Coqueiro. Nesse momento, contei com a cooperação da Coordenação do Mestrado e dos colaboradores mestrandos, que também faziam naquele momento o diagnóstico prévio do perfil dos alunos da escola, para que esse levantamento pudesse ser registrado no Banco de Dados do Museu da Vila e também fossem utilizados em outras pesquisas do PPGAPM e do Museu.

Buscamos conhecer esses garotos e garotas, por meio de um questionário, onde registraram informações de seus perfis, seus interesses e desejos em aprenderem técnicas e possibilidades de práticas artísticas. Selecionamos dezoito pelo interesse de participarem dos processos artísticos, desses, onze participaram. Estendemos o convite de participação à Comunidade em geral; acolhemos artistas, turistas, mestrandos, outros moradores, portanto, qualquer pessoa interessada poderia participar e contribuir. Ao final, dezoito pessoas construíram de forma coletiva o mural, com a experimentação artística no Museu da Vila, mural no qual estão impressas representações de afetos e desejos.

Buscamos ampliar o público participante no projeto com o objetivo de dinamizar e alargar a prática Experimentação Artística, Educação, Museologia e Inovação Social. Para a intervenção de um mural, foi utilizada a técnica do grafite de maneira coletiva; são desenhos, que surgiram das memórias dos participantes. A ação durou três dias de imersão nas percepções dos participantes (out. 2018), dos diálogos com Arthur Doomer, artista convidado. O registro gráfico (mural) resultou do olhar sensível do grupo participante sobre as referências culturais do território que habitam; tocados pela ampliação desse olhar sobre as memórias que ali residem e de como essas memórias são tocantes na vida de cada um e fazem da vila um lugar de identidade.

Estamos convictos que esta experiência artística possibilitou a construção de uma rede de afetos, hoje, representada no Mural Coletivo, inspirado em um trabalho que já é realizado por Doomer em outras comunidades brasileiras, como um dispositivo para se pensar o território a partir das pessoas e de suas memórias.

Compreendemos este processo artístico associado a uma natureza de Museologia que está comprometida com a construção de estudos de sensibilização para reconhecimento do Patrimônio Cultural, nos valendo de memórias que “[...] emergem de um grupo que ela une” (NORA, 1993, p. 9). Perceber esses sistemas é reconhecer que:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (Id. *ibid.*).

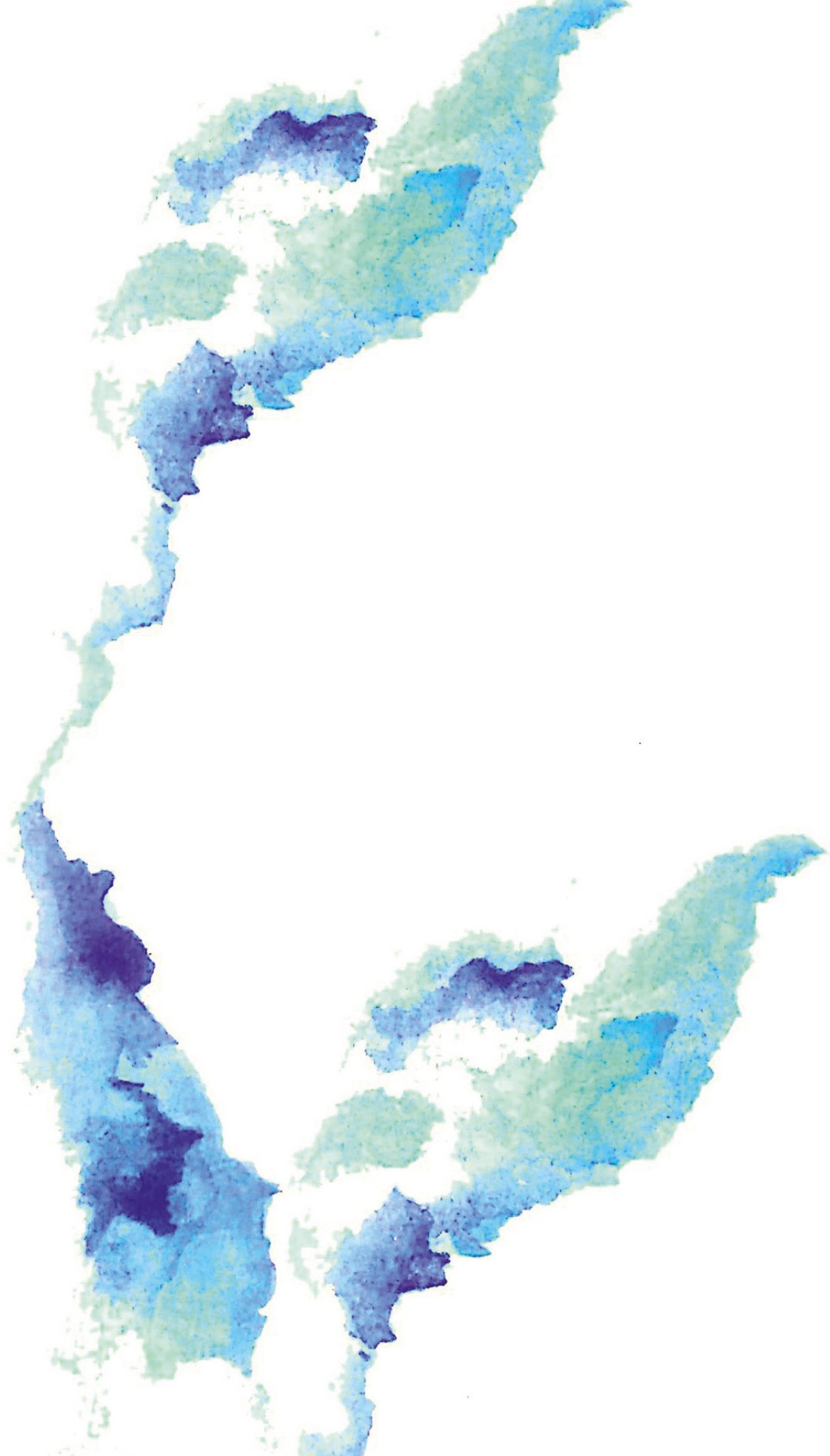
As ações do Projeto Inventar foram articuladas com campos de estudos e ações em Artes, Patrimônios e Museologia; traçando diálogos com os conceitos de memória, essenciais a um olhar atento sobre o território; às pessoas e patrimônios percebidos e reconhecidos pela própria comunidade, atravessada por necessidades cotidianas, que, muitas vezes as impossibilitam de perceber a riqueza e complexidade da missão de preservar culturas ancestrais que permanecem vivas no seu dia a dia.

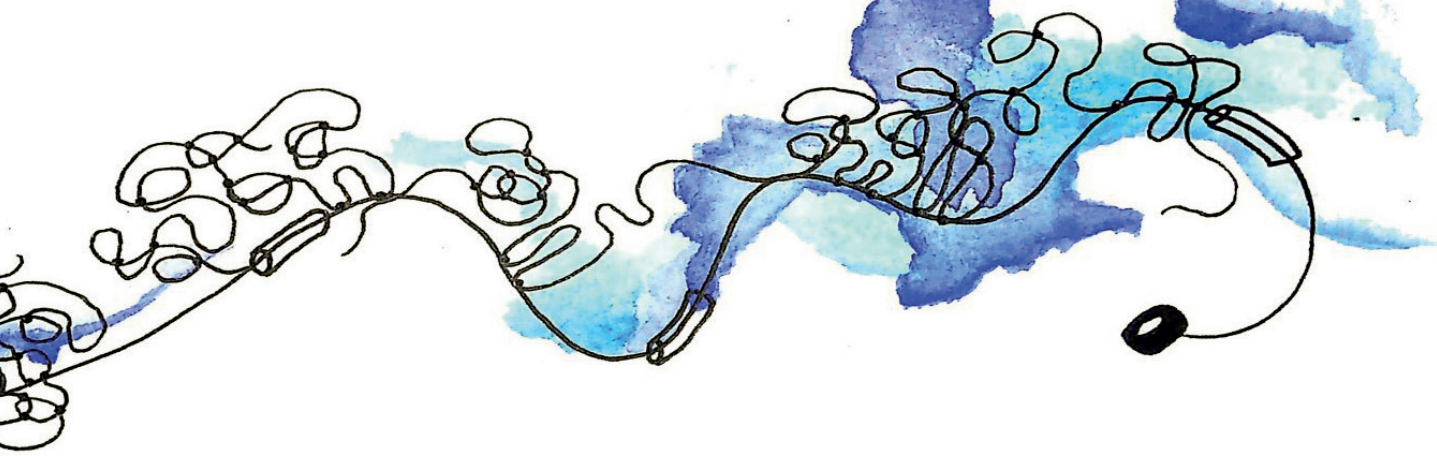
O papel das comunidades é crucial na visibilidade e sustentabilidade da paisagem cultural do território, que, de acordo com a chancela do IPHAN (2009), é “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual

a vida e a ciência humana imprimem marcas ou atribuem valores”. Conceito regulamentado pela instituição no ano de 2009 por meio da Portaria n. 127.

A proposta foi, então, realizar um Projeto-Ação, a considerar a arte como potência, como discurso político e interventivo, para (re)descobrir, descortinar caminhos de afirmação de identidades. A proposta colaborativa deste trabalho nasceu do desejo de participar na construção de uma rede de museus de território, permitindo acessibilidades física e cognitiva da arte para a comunidade.

Este Projeto-Ação nasceu de um olhar sensível das pessoas em relação à herança ancestral. No campo da Arte, foram trocas, encontros, experimentações entre artistas, comunidades e turistas. As metodologias participativas se revelam interessantes na acolhida das pessoas, dos pesquisadores e colaboradores. Com a comunidade, vamos tecendo a rede, chamamos as pessoas a se expressarem, abraçarem suas referências culturais.





2. *Com quantos fios e cores se inventa uma rede?*



Os fios e as cores várias com as quais tecemos uma rede representam os públicos com os quais dialogamos. Promovemos encontros, construímos laços de afetividade. Iniciamos a formação de um grupo de quatro jovens, que se sentiram instigados a emergir no campo da Arte, no meio sociocultural e ambiental em que vivem, como oportunidade de conhecerem a si mesmos e o outro, com o corpo todo, como propõe o terceiro princípio da metodologia da Sociopoética (GAUTHIER, 2015). Inspirados pela arte de rua, o *Hip-hop*, a dança, a música e desenho, puderam experimentar um coletivo de criação, com fala potente, sobre o território que habitam (Figura 2).

Importante destacar que os jovens são de uma geração na qual as tecnologias da comunicação e informação e o turismo os levam a influências de várias culturas, o que os faz estar ao centro de trocas culturais; por vezes seus próprios discursos são antagônicos, ao dizerem querer manter a tradição das artes de pesca artesanal, mas eles próprios querem um futuro diferente e “melhor”; querem seguir para a Universidade e terem melhores “condições” de vida para o Bairro, para eles, associadas à urbanização, acesso a equipamentos culturais, mais educação, saúde, lazer, associados a suas falas sobre crescimento do território. Porém, reconhecem que essas mudanças podem ter uma relação direta com o enfraquecimento das “tradições” locais. Esse antagonismo dos jovens, principalmente, é característico da faixa etária, que, em alguns casos, revelam rupturas, crises e conflitos entre gerações, um exemplo de que a cultura é transformada, viva, dinâmica entre as gerações, que se encontram em zonas de contato.

Pensar o mundo contemporâneo, no qual ideias de pertencimento são formuladas por meio de contatos interculturais, são frequentemente desterritorializadas e estão sempre sujeitas a reformulações parciais e periódicas (ANJOS, 2005, p. 28).

Estar atento a essas transformações é fundamental para que as memórias sejam fortalecidas. Que os patrimônios (em sentido lato), mesmo sofrendo mutações, sejam zelados e tenham o reconhecimento, proteção e o respeito da comunidade que os detém.

Em pesquisas com jovens, a construção de grupos gera zonas de contatos, espaços de sociabilidade, de trocas, proporcionando a identificação a partir de objetivos e finalidades em comum, “onde os jovens possam criar suas linguagens, seus registros de comunicação, para sair do isolamento e enfrentar sua realidade” (SALES, 2014, p. 59).



Figura 2 - Cosmonário: memórias inventadas de si, Coqueiro da Praia, ago. 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

A juventude se caracteriza pela busca de um lugar de pertencimento, de uma identidade na relação com o outro e o meio em que vive. Nas trocas e conexões estabelecidas em suas redes de convivência, entre o passado, o presente e o futuro.

Nos grupos artísticos e culturais, nos grupos de amigos, nos grupos esportivos emergem singularidades que podem ser orientadas para a construção de novos processos, maneiras de perceber o outro, o mundo, recusando o estilo de vida impostos a eles e elas, interiorizam valores independentes dos registros ditados pelos meios de comunicação, pelo consumo (SALES, 2014, p. 63).

Nesse contexto, a Arte é uma possibilidade de refletir, nasce no campo das interações humanas (BOURRIAUD, 2009), levanta questões que costuram o meio, o artista, a obra, ampliando o olhar de forma crítica. Consegue provocar no silêncio, tornar visível o que está apagado, construir caminhos e relações. O objeto de arte é objeto de sociabilização, nasce no meio social e fala sobre esse meio, através do artista, esse que se faz ouvir, o que é preciso, o que pulsa.

O artista torna-se agenciador de processos de percepção crítica em colaborações com comunidades ou um grupo específico de pessoas, transformando os participantes em possíveis co-criadores e co-produtores de um projeto (MESQUITA, 2008, p. 51).

Por isso, valiosa é a participação de artistas, daquela e outras realidades, junto desses jovens, diálogos, trocas e experimentação.

Outro público que podemos considerar é o turista, que está na região de maneira sazonal, adentrando pelo território sem se dar conta que ali existe uma Comunidade, uma paisagem cercada por pessoas e suas memórias, seus patrimônios. As artes de pesca, as tartarugas marinhas, o mar, a igreja, a praça, as ruas, os becos, os modos de saber-fazer, patrimônio cultural material e imaterial, natural, arqueológico etc.

O turista neste estudo é posicionado como público, porque está inserido, e é também personagem importante nas transformações que ocorrem nesses patrimônios, nas práticas socioeconômicas. Os bares, as casas de praia, o esporte do *kitesurf*, muito praticado no litoral do

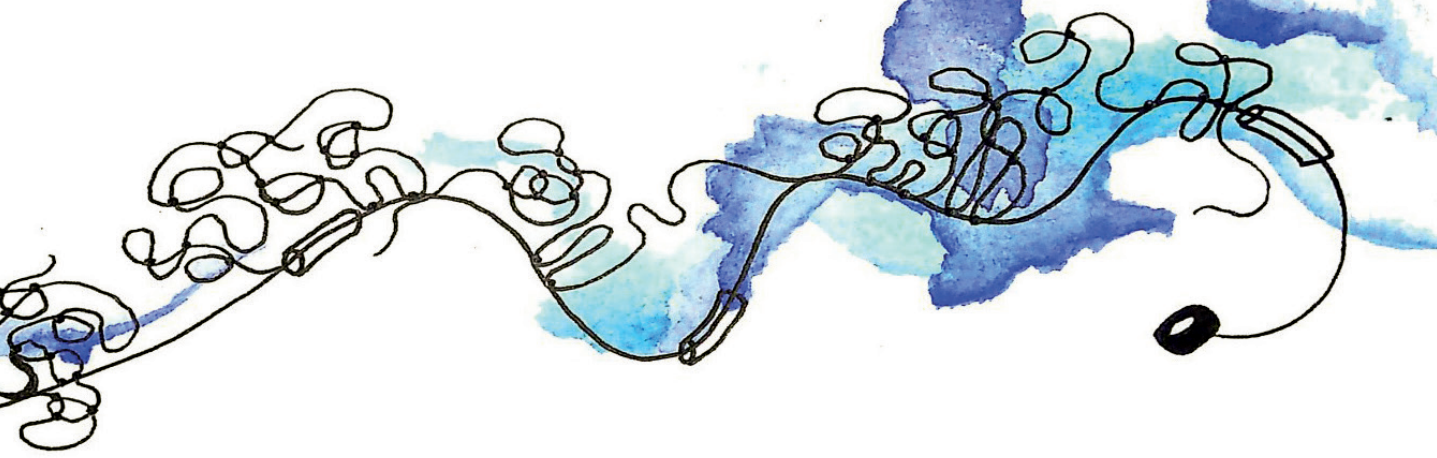
Piauí, fazem parte de um turismo dinâmico, alimentado e transformado rapidamente a cada ano por um fluxo cada vez maior de pessoas.

Tendo-se em vista que o público de maior referência é a Comunidade, intervir na cidade, no bairro é uma proposta intencionalmente coletiva; esse aprendizado foi adquirido pela atenção às recomendações do Manual de Aplicação-IPHAN, para que seja participativa e tenha ao mesmo tempo nós, nessa rede, com intenção consciente nas coletas de informações e de aplicação nos processos de criação.

Na Comunidade do Coqueiro da Praia, foi indispensável sensibilizar a comunidade escolar da rede municipal, proporcionando o envolvimento dos alunos que moram no bairro para ocupar o Museu como uma extensão da escola. O projeto é uma parte da rede de ações que já são realizadas, com esses estudantes, considerando o perfil de casa aluno-residente, de cada Projeto-Ação e os desejos e interesses dessas crianças, jovens, adultos e velhos.

Aplicamos os questionários com os setenta e sete alunos, no intuito de os conhecer e alinhar com outras informações que estão disponíveis no banco de dados do Museu da Vila através dos projetos realizados. Os projeto e ações dos mestrandos do PPCAPM que se realizam no território são gratuitas e abertas aos públicos.

Há ainda um número significativo de pessoas a sensibilizar pela Arte, por sua potência em denunciar, gritar, extravasar, dar visibilidade aos patrimônios. Por ser nutrida pelas subjetividades, a Arte acontece em meio a um grupo coletivo de forma a visibilizar informações, dar corpo, cor e movimento a questões diversas.



3. *O que nos motivou?*



A Vila-Bairro do Coqueiro da Praia é atravessada por patrimônios. Um lugar que surge da pesca torna-se um vilarejo de pescadores, e, com o tempo, é descoberto pelo Turismo sem planejamento. Trata-se de um lugar de paisagem cultural singular, uma beleza ímpar que atrai o turista. Porém, com o passar do tempo, a movimentação de pessoas, com o acesso às novas tecnologias, à globalização e mudanças dos valores, as artes de pesca deixam de ser a fonte de renda local, abrindo espaços para o comércio de serviços e “oportunidades” para aqueles que não querem se arriscar no mar. O Turismo surge com promessa hipnotizante, casas de veraneio, resorts, luxo, festas e praticidade; os valores do fazer artesanal, da sustentabilidade, do descanso transformam-se em práticas que primam por agilidade e tecnologia, valores do mercado, ocasionando um descaso e distanciamento das memórias e saberes ancestrais.

Vivemos em tempos de liquidez cultural (BAUMAN, 2013), de homogeneização e mais alarmante ainda, aos processos de “descartes” de identidades das minorias. Moacir dos Anjos discorre sobre a homogeneização cultural como:

A complexidade dos mecanismos de reação e adaptação das culturas não hegemônicas ao impulso de anulação das diferenças que a globalização engendra, promovendo formas novas e específicas de pertencimento ao local e criando, simultaneamente, articulações inéditas com o fluxo global de informações (ANJOS, 2005, p. 11).

O Turismo é uma porta de entrada para essas questões, na sua grande maioria preza pelo crescimento econômico e não pelo desenvolvimento local, dirigindo na contramão da sustentabilidade:

O desenvolvimento sustentável é aquele que dura. Quem o sustenta em primeiro lugar é a natureza, o ecossistema, do qual dependemos para tudo. Dessa forma, para que possa sustentar-se, ele tem que levar em conta as regras e os limites da natureza. Sem descuidar do bem-estar humano, dos valores da cultura, da realização plena da cidadania (CAVALCANTI, 2012, p. 36).

Imersa na paisagem cultural, a Arte acontece como estado de encontro fortuito (BOURRIAUD, 2009), possibilita a troca, experimentação e diálogos sobre temas diversos, de maneira horizontal; aproxima pessoas para uma catarse que as faz trançar questões geradas pela contextualização

na qual estão inseridas. A Museologia e Inovação Social se lançam em propostas para pensar e agir na gestão sustentável do patrimônio cultural, de forma colaborativa e integral, imersa no território, lado a lado com as comunidades, seus problemas, necessidades; para além de enrijecer e conservar objetos e suas memórias, mas mantendo-o vivo, transformado por seus detentores. Se faz preciso e urgente criar, ampliar o olhar e as possibilidades de educação, através da horizontalidade, da criatividade e experimentações.

A criatividade, interação e interatividade se fazem urgentes; o momento nos suscita o desejo de estarmos juntos a ouvir, expressar pensamentos, dialogar sobre um mal-estar do patrimônio cultural na atualidade deste território (PINHEIRO, CARVALHO, 2018, p. 11).

Hugues de Varine (2013), em seu livro “Raizes do Futuro” nos apresenta as pessoas detentoras do Patrimônio, a Comunidade, os protagonistas de ações para a sua proteção e promoção, de maneira ativa, integral e consciente, possibilitando assim o desenvolvimento de maneira sustentável. O desejo pela proteção, valorização e utilização do patrimônio como recurso primeiro do desenvolvimento local precisa acontecer pela conscientização de pertencimento da própria Comunidade, dando-se conta que o desenvolvimento é causa sua.

Esse patrimônio constitui as raízes visíveis da comunidade em seu território. E essas raízes são variadas, correspondem a todas as diversidades culturais dos componentes da população que vive no território ou dele se beneficia (VARINE, 2013, p. 38).

Reconhecer essas diversidades, seus patrimônios e usos não é tão simples assim, Varine complementa:

[...] na maior parte das vezes não estávamos dele conscientes, porque a educação que recebemos elimina a sua maior parte em nome de critérios acadêmicos e estéticos. Isso porque a sociedade de consumo da qual fazemos parte imprime em nós ideias de valor de mercado, propõe modelos estrangeiros à nossa cultura viva, que é assim desvalorizada (VARINE, 2013, p. 43).

Nesse contexto, acreditamos em uma educação libertadora, que possa ampliar esse olhar, de maneira crítica e sensível; usamos a Arte como ferramenta para promover esse aprendizado e

reconhecimento da cultura local, norteados pelas ideias que movem a Museologia e Inovação Social (MEIRESSE, 2012; PINHEIRO, 2018; SCHEINER, 2012; VARINE, 2013) que ganha força, transformando realidades, há mais de quatro décadas, no Brasil e no mundo.

Tudo isso deve ocorrer com base em uma perspectiva na qual as culturas de minorias, à margem, tornam-se objeto e objetivo de intervenções, orientando ações museológicas, junto dos profissionais da área, tornando os museus, em todas as suas denominações, instituições que priorizam ações de sensibilização, educação e valorização dessas identidades, em diálogos com o patrimônio de maneira integral, assim como foi discutido e conceituado na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, em suas dimensões material e imaterial, conscientes de suas trajetórias nos tempos passados, presentes e futuros.

A estrutura urbana se modifica na APA Delta do Parnaíba, o crescimento do Turismo, o aumento do número de casas de veraneio, *resorts*, hotéis, pousadas, restaurantes, nos principais pontos turísticos, como na orla da praia e próximos a praça e Igreja centrais do Bairro. A Comunidade cede suas casas para aluguel nos períodos de alta estação ou as vendem, comprando terrenos mais afastados do núcleo comum da Comunidade (praia, igreja, praça, escola, museu), por vezes, deixando alguns equipamentos culturais, como é o caso da praça matriz aos cuidados de pessoas que não residem no local, mas visitam somente em momentos de diversão e descanso.

Luís Mendes em seu “Manifesto antigentrificação *redux*” denuncia esses processos comuns nos centros turísticos, afirmando que “as relações socioespaciais estruturadas pela gentrificação são reguladas pelas estruturas capitalistas” (MENDES, 2017, p. 324).

O conceito de gentrificação (*gentrification*), criado pela socióloga Ruth Glass em 1964, foi utilizado pela primeira vez para analisar a transformação imobiliária ocorrida em bairros londrinos que definiu a elitização dos estratos sociais (a alta burguesia urbana - *urban gentry*) que se apropriaram dos bairros operários. Após a adoção do termo por inúmeros autores e a deflagração dessa estratégia de intervenção urbana em inúmeras cidades em todo o mundo, os processos socioespaciais a ela inerentes passaram a ser mais estudados: a inversão privada de capital para a criação de novos espaços destinados ao comércio, aos serviços e às moradias; a atração dos grupos sociais de alto poder aquisitivo; a expulsão ou a remoção de grupos sociais populares; a especulação imobiliária e o aumento do preço do solo; a expansão do consumo

cultural; a dissolução e a recriação de traços identitários associados ao lugar [...] (PAES, 2017, p. 668).

A comunidade passa a ocupar um lugar invisível diante de tantas idas e vindas dos turistas, que, segundo os moradores, em época de alta estação aumenta até cinco vezes a população sazonal. As memórias ficam escondidas nas casas dos moradores mais antigos. Os jovens descansam enquanto esperam a próxima temporada, os pescadores escolhem ficar em terra, cuidar de casas, ganhar o sustento nos bares, onde assistem ao outro em sua cegueira a consumir.

Acreditamos que as memórias dos mais velhos devem ser consideradas pelos mais jovens; devem, a partir delas, gerar questões que circundam o patrimônio cultural vivo e inviabilizado como potência. Questões como, por exemplo, os tempos de transformações, as ideias de pertencimento de si e da Comunidade para com esse patrimônio, o porquê das mudanças, o que é benéfico, o que os afasta daquilo que lhes pertence.

Nos encontros e conversas com a Comunidade, com os jovens, é frequente o olhar sobre o passado, os lugares que se perderam, se transformaram, as práticas que já não mais estão ali. O presente é mediado por incertezas e desejos, sobre pertencimento em relação ao território, de quem são os lugares do Coqueiro, quais pessoas estão lutando para a melhoria de vida daquelas pessoas, a Comunidade quer ser reconhecida, quer estar visível? O presente traz transformações diárias, as tecnologias da comunicação e informação criam alterações nas relações das pessoas umas com as outras e com o seu lugar de origem; os aproximam da vida de grandes cidades, os desterritorializam em constantes intercâmbios culturais; há novos moradores no bairro, vindos de outros lugares do Brasil e do mundo, trazendo consigo práticas culturais diversas.

Os saberes e os lugares se transformam, as problemáticas giram em torno da comunidade. Nesse contexto, surgem a Museologia e Inovação Social; construímos uma rede de relações, de equipamentos culturais, com olhar sensível e profissional, enxergamos de forma mais sensível e técnica a necessidade de intervir com e para a Comunidade que almeja soluções e reivindica o seu lugar de fala. A Museologia na contemporaneidade não permite ser formatada, ela é criada pela necessidade do meio em que nasce.

Precisamos estar atentos às ações sistematizadas que dinamizam as lógicas sociais, o ritmo dos desejos, as necessidades das pessoas. A potência do campo de projeção da Museologia é a transformação sustentável, ver além do presente e perceber os atores mobilizados pela causa.

Os atores envolvidos, profissionais e Comunidade estamos sensíveis e alertas às questões que surgem com o fenômeno museológico (SCHEINER, 2012), o ser humano e sua realidade, relações simbióticas interpretadas pela Museologia, atenta às questões do patrimônio, das pessoas, do território; ao tempo e suas transformações, alertas aos resultados das ações e como contribuem para a autonomia e fortalecimento da Comunidade enquanto detentora do patrimônio local.

Ações de educação patrimonial são de suma importância para ligar as pessoas, estabelecer redes, em um diálogo constante e educativo, integrando os diversos agentes da Comunidade para a construção de uma museologia viva e integral.



4. *Articuladores Poéticos*

A Equipe deste projeto é formada por uma rede de colaboradores. Lembremos que estamos inseridos em um projeto maior de pesquisa ação o MUDE, o que nos permite articulação com uma Equipe multidisciplinar, que promove, articula e realiza projetos e ações na APA Delta do Parnaíba, incluindo os docentes e discentes do PPGAPM, artistas convidados, comunidade escolar etc.; uma rede interdisciplinar em permanente colaboração no Museu da Vila. O grupo todo possui o mesmo propósito que é a salvaguarda, proteção e promoção do patrimônio cultural das comunidades ribeirinhas, praias e deltaicas, suas memórias, atores-detentores.

Como campo de estudo e aplicação multidisciplinar, a Museologia abrange diversas áreas de conhecimento, em que possibilita o envolvimento de diversos atores para construir uma rede de articulação para os objetivos relacionados ao patrimônio e a Comunidade em que está sendo aplicada. Na pesquisa em questão, tivemos a contribuição e participação entre os mestrandos do PPGAPM para o fortalecimento das ações que, em alguns casos, eram pontuais a cada pesquisa e em outros atuavam de maneira coletiva.

Apresentamos diversas ações em rede, como, por exemplo, a Feira do Patrimônio, que acontece desde 2016, promovida pelo PPGAPM, com os docentes e discentes do programa; evento que promove o patrimônio cultural local, por meio do reconhecimento e valorização econômica e social. O evento aproxima a Comunidade dos profissionais e ações promovidas pelo Programa. Além da feira, pudemos participar também de exposições, oficinas, encontros, que o Museu da Vila promove com os discentes e/ou profissionais convidados.

Em ações mais pontuais, com os projetos de cada mestrando, fizemos articulações que possibilitaram participações entre os projetos, tanto dos mestrandos/pesquisadores, como dos grupos envolvidos em cada caso. Esse diálogo foi muito importante para fortalecer a rede, pois os participantes tiveram a oportunidade de ampliar ainda mais os seus conhecimentos nas atividades promovidas pelo Programa como um todo. Entre os projetos realizados, cito aqui os que mais dialogaram com o *Inventar: Branding e Desenvolvimento de Identidade Visual* do Museu da Vila Bairro Coqueiro da Praia; *Guardiães do Patrimônio*, PASUS – Núcleo de Educação para o Patrimônio, Direitos Humanos e Sustentabilidade; RUA – Artérias urbanas; e *Conhecer para conservar: ações educativas integrando o patrimônio e as pessoas* (Figura 3).

O Projeto *Branding e Desenvolvimento de Identidade Visual* do Museu da Vila, operou com a proposta de apresentar o percurso de construção de um espaço de natureza museal, não em seu



Figura 3 - Registro da Turma 3 do PPCAPM, 2017. | Fonte: Isadora Santos, 2017.

caráter construtivo e edifício, mas sua definição, uma identidade institucional visual que estruture simbolicamente o posicionamento de gestão das atividades do espaço sobre sua Comunidade de interesse. O mestrando responsável pelo projeto, Victor Veríssimo Guimarães, contribuiu com o *Inventar* principalmente quando fez um levantamento, na Coordenação do PPGAPM, do perfil dos alunos da Escola Municipal Carmosina e os convidou a um encontro, para que pudéssemos apresentar os dois projetos para os estudantes a fim de convidá-los a participar. Também foram utilizadas, dentro da pesquisa do Victor, peças que compunham os produtos de aplicação da marca do Museu da Vila, com as imagens do Mural Coletivo feito na última etapa do *Inventar*.

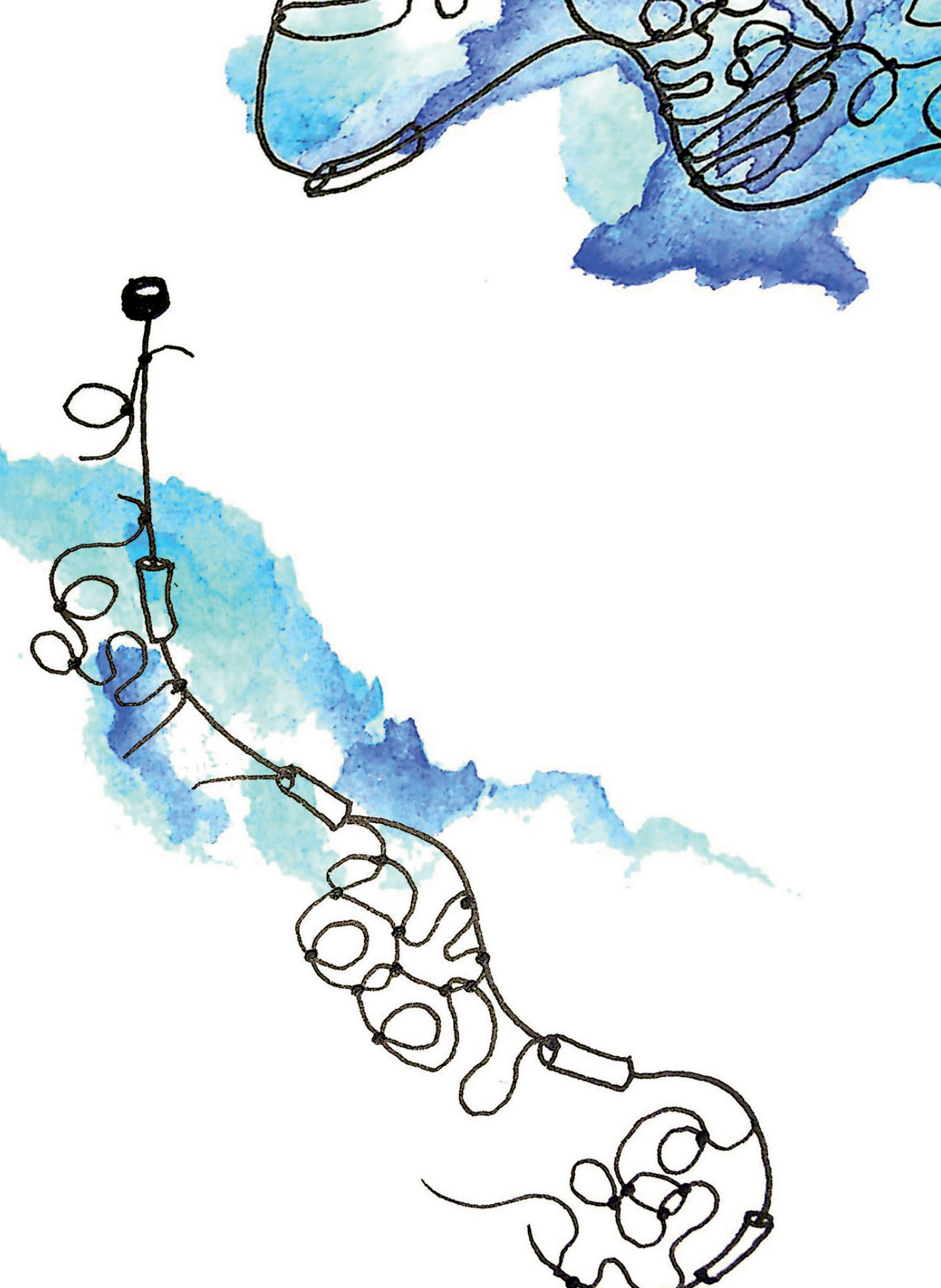
Outro colaborador importante para o *Inventar* foi o discente Francisco dos Santos Moraes, com o Projeto Guardiães do Patrimônio. Um projeto de educação patrimonial com o objetivo de sensibilizar de forma afetiva e efetiva crianças e adolescentes, residentes da Comunidade do Coqueiro da Praia, para atuarem como mediadores e multiplicadores de estudos e ações de preservação e valorização do patrimônio existente no território que habitam, despertando para a consciência política e cidadã. Desta maneira, muitos guardiães entrecruzaram o *Inventar*, participando de encontros e da intervenção do Mural Coletivo.

O Projeto-Ação PASUS, conduzido pela mestranda Isadora dos Santos Paiva, teve como intenção fomentar o diálogo e a consciência coletiva através de uma educação emancipatória e cidadã, envolvendo discussões acerca das relações da Comunidade e seu Patrimônio com os direitos culturais, direitos humanos e sustentabilidade. A mestranda participou de vários encontros com o Grupo-Pesquisador do *Inventar*, e realizou em um deles uma oficina de escuta e conscientização sobre os direitos humanos, os direitos culturais e os direitos à liberdade de expressão, educação e participação na vida cultural.

Outra colaboração muito especial foi a do Projeto RUA - Residência Artística Artérias Urbanas, coordenado pela mestranda Jaqueline Carvalho Bezerra. Projeto que aconteceu na cidade de Parnaíba, município vizinho ao de Luís Correia, que também é abraçado pelas ações do PPGAPM. A residência propôs experimentar diferentes significados para a memória, patrimônio cultural, território e estética relacional no Centro Histórico da cidade de Parnaíba, contribuindo para o Projeto *Inventar* com trocas, diálogos e participações de alguns integrantes do RUA, na intervenção do Mural Coletivo e também no diálogo com o grupo de dança de *Hip-hop* da Vila; momento que está descrito nas ações realizadas logo mais no texto.

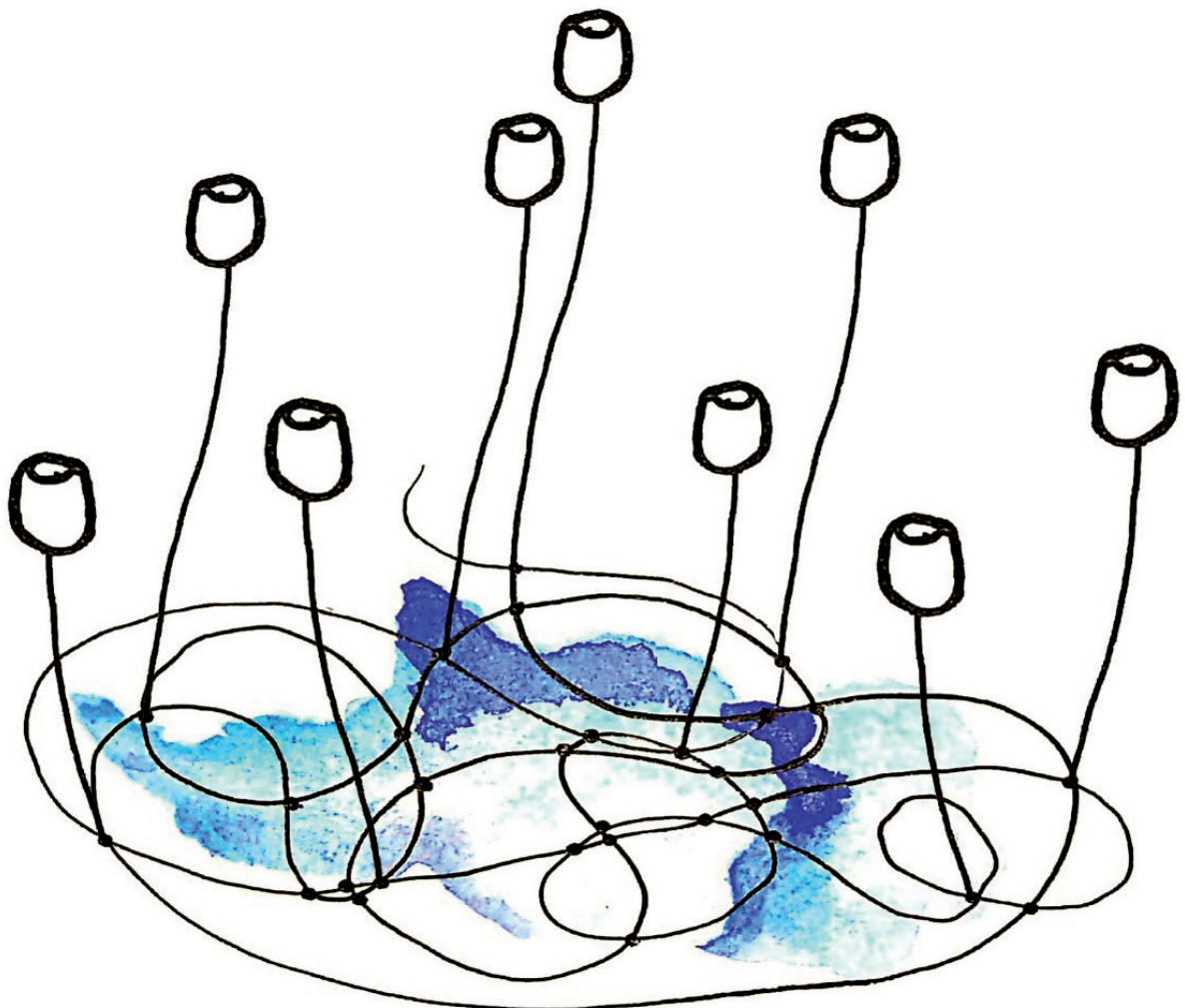
Para a Oficina de Sociopoética, tivemos a oportunidade de ocupar o prédio do Ecomuseu Tartarugas do Delta, um dos polos do MUDE, sob a supervisão da mestrandia Werlanne Mendes de Santana, do Instituto Tartarugas do Delta, que vem promovendo ações sistemáticas para a proteção das tartarugas marinhas no litoral piauiense; ela é responsável pelo Projeto de Pesquisa “Conhecer para conservar: ações educativas integrando o patrimônio e as pessoas”. Localizado no complexo do Sesc Praia, em Luís Correia-PI.

Estes projetos supracitados tiveram participações mais pontuais, que possibilitaram trocas e experiências entre os proponentes que foram de suma importância para a rede como um todo. Estávamos em construção de aprendizados e ações que nos fortaleciam como pesquisadores, e também aos nossos Grupos-Pesquisadores envolvidos. Porém, não excluiremos a importância do Programa como um todo, em sua diversidade de profissionais que puderam, durante a permanência do *Inventar*, participar de alguma forma, como ouvinte, como contribuinte, como incentivador.





5. Por que inventamos?



*Só se pesquisa aquilo que se sonhou primeiro
(BACHELARD apud BRANDÃO, 2012)
Manoel de Barros*

O sonhar da pesquisa é um compromisso com duas partes que interligam o corpo e o meio em que está inserido o pesquisador, o seu lado intuitivo, subjetivo e seu lado ético, objetivo e criativo. Construir um sonho é perceber-se nele, é tecer sua trajetória que inicia a passos distantes e consistentes, muitas vezes bem antes de se saber pesquisador.

No meu caso, não foi difícil olhar as origens, pois, minha trajetória nasceu nos berços em que o corpo e a arte sempre foram as mãos-ninho que teciam e costuravam os pontos de toda essa rede, que agora começa a aparecer como um ponto de luz. Filha de artista, arte/educadora, caminhei por entre as tintas e pelas percepções sensíveis dos encontros e meios que dão sentido as coisas.

A Vila-Bairro Coqueiro da Praia, lugar em que toda a minha infância frequentei, como turista, oriunda da capital, por ironia do destino, atualmente, é um lugar onde levanto as paredes do meu lar, de vida e de sonhos, de estudos e intervenções constantes. Neste lugar nasce um sonho, que fui encontrando nos nós das redes de pesca, típicas desta paisagem cultural. As vivências oportunizadas pelo PPCAPM me permitiram encontrar um grupo de jovens artistas que também teciam em seus dias anseios pelo conhecimento em Arte.

Com o apoio da Coordenação do Programa, passei a conectar-me e a conhecer alguns desses jovens, que, já nos primeiros encontros, apresentei a proposta de pesquisa, objetivos, esclarecimentos de como poderiam participar e colaborar, cada um deles, como Grupo-Pesquisador, como coletivo de Arte.

Coqueiro da Praia é um lugar de cheios e vazios, como o movimento diário da maré, que insiste em molhar o seu contorno. Um lugar aparentemente comum, com condições socioculturais de uma pequena Vila-Bairro do Piauí, distante das grandes cidades, à margem, e, literalmente, à margem do mar. Em outros tempos era uma Comunidade de pescadores artesanais. Estes perceberam no espaço uma oportunidade de gerar vidas em comum, de sustentar essas vidas com as graças trazidas pelas redes que lançavam ao mar, pelas mãos cuidadoras de suas senhoras a descamar os peixes e cuidar dos filhos. Uma Vila-Bairro repleta de memórias, que resistem à maré baixa que as leva para longe.

Nesse encontro entre pesquisadora, jovens e bairro, o projeto nasce. Inicialmente, foi tomada pelas falas de denúncia do Grupo-Pesquisador, jovens, moradores, filhos de pescadores, que

queriam falar de si, da comunidade, das transformações advindas do Turismo, da invisibilidade, de seus pais, avós e de suas memórias, da resistência diante da homogeneização do mercado, da exploração, das dificuldades, isso tudo através da Arte.

Lancei o problema sob o olhar e cuidar do lugar onde vivem, sob a percepção de si e dos outros; realizamos oficinas de Sociopoética como recurso metodológico para a construção de um Grupo-Pesquisador. A pesquisa em Sociopoética mobiliza todos os recursos do corpo para produzir dados: as sensações e sensibilidades, a intuição, as emoções, a razão (GAUTHIER, 2015). Para o segundo momento, após um diagnóstico que nos revelou à potência da fala do Grupo, mobilizamos o Mural Coletivo, para fixar no território esse acolhimento poético sobre o patrimônio cultural e natural.

Usamos alguns métodos e técnicas, os hibridizamos como proposta de estudos e intervenções, o que nos surpreende quanto à possibilidade de efetivar conhecimentos e transformar realidades, “não se trata apenas de resolver um problema imediato, e sim desenvolver a consciência da coletividade nos planos políticos e cultural” (THIOLLENT, 2011, p. 24).

Os jovens querem se expressar pela Arte. Na condição de arte-educadora, pesquisadores em Arte, patrimônio cultural e educação, tivemos a sorte de encontrar e participar atualmente dessa rede que se forma, onde cada ponto (encontro) dado, de fala, criação e processos, se fortalece, cresce e propõe resistir ao movimento das marés de cheios e vazios urbanos, econômicos, sociais, culturais no lugar.

A Arte fortalece a autonomia e a liberdade de expressão, necessárias para um Grupo-Pesquisador que quer se emancipar diante daquilo que o sufoca, o enche/esvazia (os cheios e os vazios foram utilizados como metáforas na Oficina de Sociopoética para pensar o corpo desse jovem em relação ao meio em que vive, sua Comunidade, as dimensões do patrimônio ali percebidos).

O jovem artista se posiciona como aquele que assume um tratado de responsabilidade social e o expectador; a comunidade envolvida tende a se emancipar também, sensibilizada pela prática daquele que é comum ao seu meio, deixando o papel passivo, embrutecido pela rotina do lugar onde vive. Jacques Rancière chama de lugar de contemplação, inatividade, quando não se pode agir, propor, criar.

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição (RANCIÈRE, 2012, p. 17).

Essa emancipação provocada pela Arte é potente para que se gere um impulso coletivo, que perceba o meio no qual se insere e suas questões, produzindo uma mobilização horizontal de interesses pela ação. Assim, o coletivo atua como dispositivo de aproximação comum entre os membros comunidade provocada e o (s) artista (s) “todos se sentem não apenas no direito, mas a necessidade prática comum e imediata de recriar e de reimaginar tudo aquilo que está ao redor” (GRAEBER, 2007 apud MESQUITA, 2008, p. 47).

O encontro com esses jovens só foi possível pela sensibilidade para ouvir, tocar, sentir e propor junto com aqueles que ali pulsavam, como a metáfora dos vagalumes de Didi-Huberman (2011), que procuram brechas, formas, palavras e meios para a Arte.

Na condição de professora de Arte, fui pescada por essa rede pulsante desses jovens que querem desbravar os processos na Arte, com questões, por exemplo: Como podemos usar o corpo jovem para falar sobre e para a comunidade? Como iniciar processos em Arte com um grupo de jovens de uma pequena Comunidade à margem dos grandes centros? Como a Arte pode ser potente para intervir nos processos homogeneizantes do Turismo? Como a arte pode ajudar nos processos de salvaguarda e valorização do patrimônio na Comunidade? Como fortalecer a identidade cultural da Comunidade através dos jovens e da Arte?

Deste modo, poderemos, então, gerar intervenções artísticas no bairro, para o fortalecimento de ações similares, como coletivos de Arte, apresentações artísticas, intervenções em geral, para a valorização da identidade cultural da região, dentro do projeto MUDE, de acordo com as propostas que regem a Museologia e Inovação Social.

A Sociopoética seria então o primeiro passo para construir esse grupo, juntar esses primeiros vagalumes e assim a pesquisa inicia com a prerrogativa de termos um primeiro grupo de jovens para discutir e trocar experiências através de experimentação e intervenção artísticas.

O PPGAPM da UFPI, através das práticas da Museologia e Inovação Social em andamento, nos auxilia a compreender que a Vila-Bairro Coqueiro é um território que possui várias características de uma Comunidade que deseja modificar a realidade, para a valorização de sua identidade e cultura. Hoje, com o PPGAPM, no Museu da Vila e associação de moradores, nos juntamos a essas instituições e pessoa, métodos, técnicas e referências teóricas e seguimos. Essa colaboração é essencial para uma prática museológica forte e contínua.

Contudo, estamos atentos a considerar o patrimônio de maneira integral e inclusiva (SCHEINER, 2012), quando concordamos com a proposta de uma rede de museus de território, comunitários (MUDE), com uma noção ampliada de Museu, em que a “especificidade de sua abordagem determina um ponto de vista sobre a realidade local do território” (MAIRESSE, 2012).

O museu integral se fundamenta não apenas na musealização de todo o conjunto patrimonial de um dado território (espaço geográfico, clima, recursos naturais renováveis e não renováveis, formas passadas e atuais de ocupação humana, processos e produtos culturais, advindos dessas formas de ocupação), ou na ênfase no trabalho comunitário, mas na capacidade intrínseca que possui qualquer museu (ou seja, qualquer representação do fenômeno Museu) de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais (SCHEINER, 2012, p. 19).

As terminologias ecomuseu, museus comunitários, de território, de sociedade se ampliam e transformam experiências criadas a partir das necessidades de cada realidade; surgem de maneira marcante nas décadas de 1960, nos discursos Henri Rivière, diretor do ICOM de 1948 a 1966, e de seu sucessor Hughes de Varine, diretor do mesmo Comitê de 1967-1974. Ambos, na direção do ICOM, avançaram com a concepção de que os museus devem estar a serviço da sociedade, instigando as instituições a ampliarem suas ações às comunidades à margem dos grandes centros urbanos. As singularidades locais devem potencializar a criação de museus no território onde a realidade é percebida de maneira sensível nas relações ser humano e processos de criação sociocultural.

Há mais de seis décadas o Museu vem passando por uma trajetória evolutiva quanto a sua relação sociopolítica com os territórios e as comunidades a que pertencem. Essa trajetória tem ampliado o campo da Museologia para além de um fenômeno restrito a um prédio, aos

objetos e ao público visitante, e estendido a uma relação aberta e dialógica com o território, o patrimônio e a Comunidade como um todo. Esse diálogo projeta a gestão do Museu para um serviço prestado com e para a sociedade, “enquanto representação da sociedade humana, no tempo e no espaço. Abrange o estudo das múltiplas relações existentes entre o humano e o real” (SCHEINER apud SCHEINER, 2012).

Atualmente o Museu é percebido pelos teóricos como:

Fenômeno, identificável por meio de uma relação muito especial entre o humano, o espaço, o tempo e a memória, relação esta a que denominaremos “musealidade”. A musealidade é um valor atribuído a certas ‘dobras’ do Real, a partir da percepção dos diferentes grupos humanos sobre a relação que estabelecem com o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas. E, portanto, a percepção (e o conceito) de musealidade poderá mudar, no tempo e no espaço, de acordo com os sistemas de pensamento das diferentes sociedades, em seu processo evolutivo. Assim, o que cada sociedade percebe e define como ‘Museu’ poderá também mudar, no tempo e no espaço (SCHEINER apud SCHEINER, 2012).

Hugues de Varine orienta as ações pautadas em uma nova Museologia, para a criação de museus com fins sociais nas comunidades, inspirada em duas vertentes, em dois princípios:

O princípio de Santiago [Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972, do qual resultou a Declaração de Santiago] – a função social do museu, que implica participação. É o segundo princípio, que é um princípio clássico do movimento local de todos os modelos desenvolvimentistas, ou seja, a ideia de que cada pessoa tem uma competência, tem um saber, não é só o patrimônio imaterial! Cada um de nós tem um saber de vida e que é necessário utilizar senão somos vítimas do saber dos outros. Trata-se de um princípio de Paulo Freire. Paulo Freire dizia – cada um de nós sabe muito e se valorizarmos o saber de cada pessoa temos uma riqueza enorme de saberes que podem ser utilizados para o desenvolvimento local, para a política e para tudo, inclusive para a gestão do patrimônio, para a criação de instituições educativas e instituições do tipo museu. Por um lado, temos um princípio político, que é o princípio da função social e, por outro lado, o princípio empírico, que é a utilização dos saberes das

peças. E se estes dois conceitos se unirem num projecto então temos participação (VARINE em entrevista a CARVALHO, A., 2013).

O valor atribuído aos saberes das pessoas, das comunidades, e a autonomia desses atores sociais são fundamentais para a construção de um equipamento cultural, para a salvaguarda do património cultural. Devem ser considerados ferramentas desse processo, junto das instituições diversas.

O desenvolvimento local é um processo multidimensional que envolve a história da comunidade, as suas interações, instituições e capacidade para decidir seus próprios destinos, mobilizando o capital social para atingir objetivos comuns (PINHEIRO, 2011, p. 14).

O Museu integral, inclusivo, com cunho social, feito por e para a comunidade, é o reflexo de um trabalho que se dispõe a estar com a Comunidade, ser construído e modificado pelas emergências que a comunidade impõe, dessa maneira:

O espaço museológico ganha status de território habitado, com o património integrado, idealizado com e pela comunidade, um instrumento de desenvolvimento para seus habitantes, um fator de sustentabilidade (PINHEIRO, 2011, p. 19).

O Museu integral se fundamenta “na capacidade intrínseca que possui qualquer museu [...] de estabelecer relações com o espaço, o tempo e a memória – e de atuar diretamente junto a determinados grupos sociais” (SCHEINER, 2012, p. 19), articulando experiências que ampliam o olhar crítico sobre as realidades vivenciadas pelos grupos sociais, em que as iniciativas possibilitem a articulação aos diferentes atores de diferentes matrizes socioculturais e dos diferentes campos de conhecimento, com a finalidade primária de valorização das referências patrimoniais.

Outro entendimento do qual precisamos é que a construção de uma Museologia contemporânea e crítica deve ser pautada pelo entendimento que o património cultural é um campo de conflitos, que se transforma com o tempo e interesses da Comunidade e suas relações interculturais. Segundo Florêncio (2014, p. 23):

As políticas de preservação se inserem num campo de conflito e negociação entre diferentes segmentos, setores e grupos sociais envolvidos na definição dos critérios de seleção, na atribuição de valores e nas práticas de proteção dos bens e manifestações culturais acauteladas.

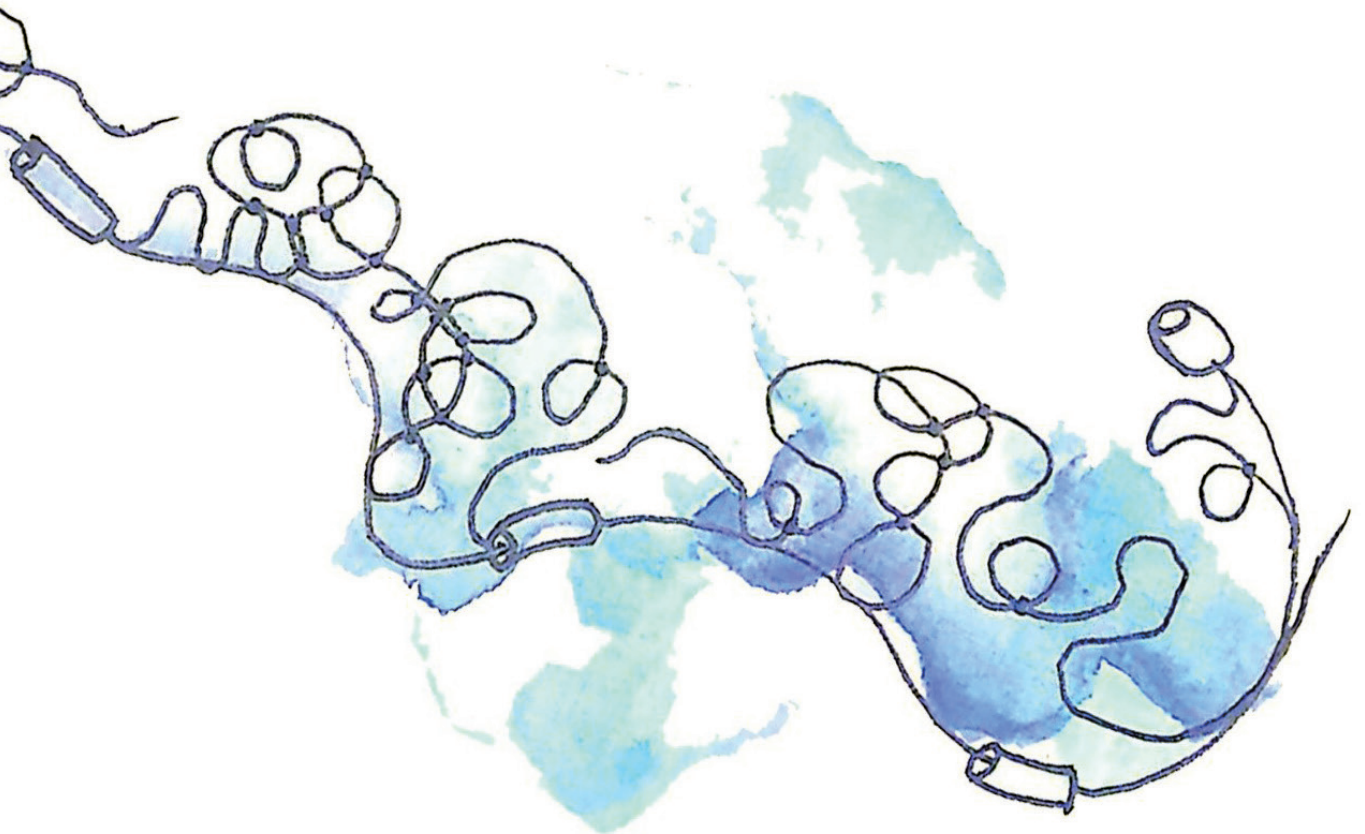
Esse campo de conflitos que envolve sujeitos, espaços e tempo, é campo propício para desenvolver ações de Arte, principalmente quando os sujeitos envolvidos são a parte que instiga os problemas circundantes. Assim, no campo do Patrimônio, é preciso que o percebamos de maneira integral, podendo despertar na Comunidade necessidades performáticas, de se autorrepresentação, automusealização (SOARES, 2012), criar estratégias de reconhecimento e representação de si, no reconhecimento de sua identidade e das influências trazidas do meio externo.

Como ferramenta de agenciamento ativo no meio em que está inserida, a Arte torna-se uma oportunidade importante para as questões que circundam o patrimônio de um local, seja ele cultural ou natural, já que pretende, quando se dispõe a ser relacional (BOURRIAUD, 2009), na maioria das vezes, fazer com que o expectador reflita sobre questões, principalmente, do meio social, político e cultural. Dessa maneira, possui um caráter político e/ou ativista, sensível a processos de colaboração entre artistas, públicos e meio.

A Arte extrapola a burocracia vigente nos grupos, propõe exibir sem restrições aquilo que pulsa no lugar. Por meio de processos criativos, a Arte dispõe ferramentas que mobilizam o corpo, os objetos, ocupa os lugares, exhibe os modos de vida, faz releituras de questões que estão fadadas ao fracasso, corrobora relações, de maneira horizontal, desprovida de preconceitos e medos. Nutre subjetividades em meio a problemas recorrentes no cotidiano das comunidades.



6. Poéticas que nos inspiraram



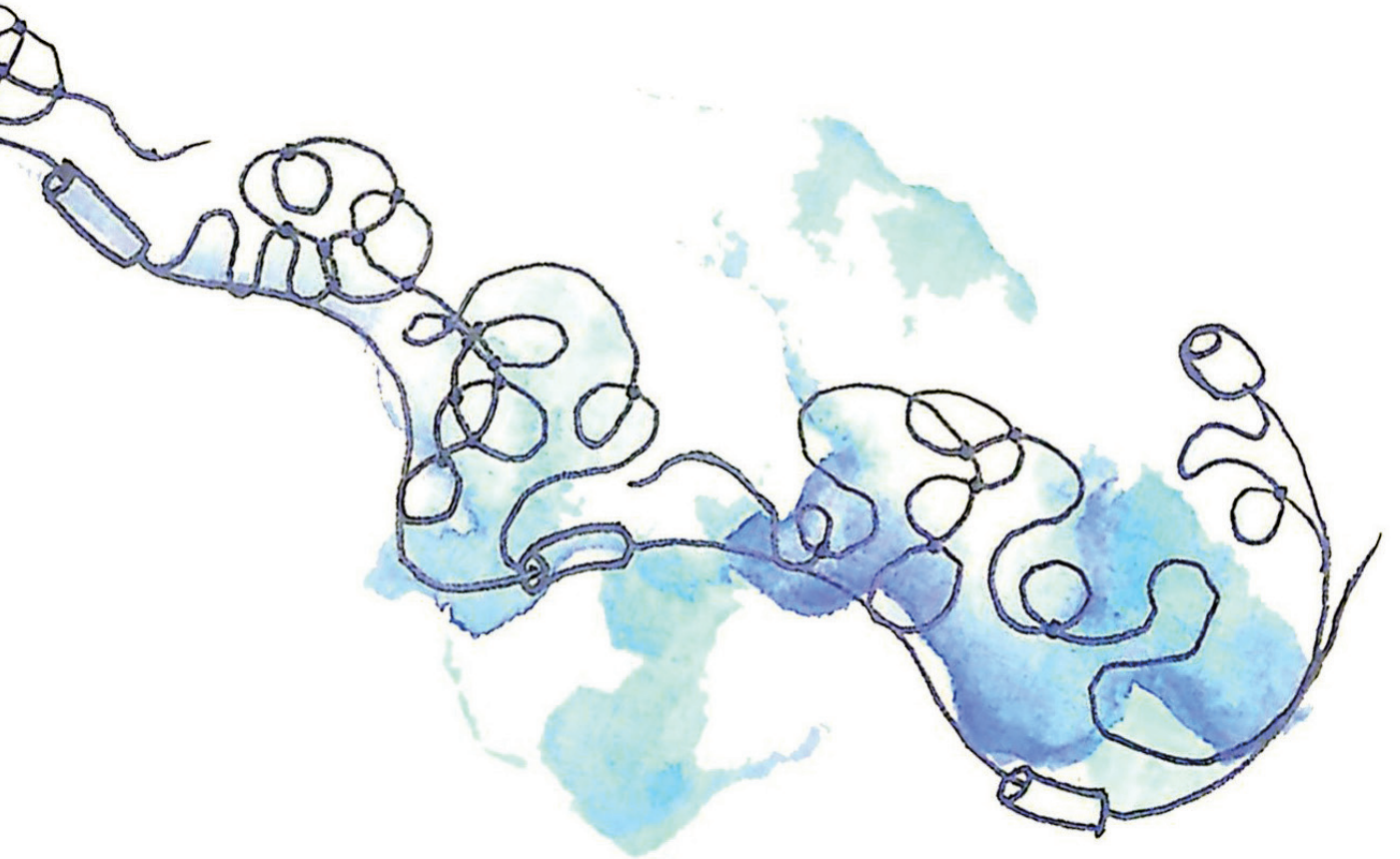
Promover ações colaborativas é pensar além de nosso objeto de estudo, rever propostas já existentes, convidar pessoas para trocas e experimentações. No campo da Arte temos inúmeras referências de residências artísticas, experimentações e propostas em Arte. Para a pesquisa e inspiração, estamos utilizando o livro "Mapeamento das residências artísticas no Brasil", elaborado pela Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), organizado por Ana Vasconcelos e André Bezerra, em 2014. A publicação nos informa de experiências e ações no campo da residência artística no Brasil, em regiões afastadas dos grandes centros, em comunidades singulares.


Para referências em acompanhamento de artistas e formação, temos projetos como o Confluências, promovido pelo Serviço Social do Comércio (SESC), em vários Estados do Brasil, incluindo o Piauí. Esse projeto se materializa em acompanhamento, formação e experimentação de artistas que estavam fora do circuito comercial da Arte, e puderam ter vários encontros, trocas e formações com outros artistas e agentes da cultura. Os produtos finais desses encontros foram comunicados em exposições coletivas no Centro Cultural Sesc Caixeiral na cidade de Parnaíba.

Arthur Doomer foi o artista que convidamos para nos auxiliar neste trabalho, para a intervenção de construção do Mural Coletivo com os jovens da Vila-Bairro do Coqueiro no Museu da Vila. Doomer nasceu em Teresina e começou sua produção artística no desenho e na ilustração. Em seguida, expandiu seu campo de atuação para uma modalidade de criação mais híbrida, entre a *street-art* e processos de pesquisa compartilhada. Tem ministrado cursos de formação em Arte e participado de exposições, residências artísticas, festivais e pintura de murais em várias cidades brasileiras, como Belo Horizonte/MG, Ribeirão Preto/SP, Brasília/DF, São Luís/MA, Fortaleza/CE e Teresina/PI. Já possui pesquisa em Arte com diálogo em comunidades, promove ações de intervenção nas ruas, com grafite, fotografia e lambes.

O Projeto de Muralismo, segundo Doomer, tem caráter de oficina, em que os participantes, moradores de comunidades, onde o projeto acontece, apresentam, em desenhos simples, os lugares e memórias de onde vivem: casas, objetos, pessoas, ruas, animais, tanto os reais quanto os imaginários. O artista já construiu outros murais em localidades diferentes: no Bairro da Vila Ferroviária, na Associação Fraternidade: O amor é a resposta (Teresina, PI); na Associação para o Desenvolvimento de Iniciativas de Cidadania de RN - ADIC do Passo da Pátria, para o Festival INarteurbana, projeto sociocultural e pluridisciplinar de reativação de espaços públicos através de ações artísticas (na cidade de Natal-RN).

Nos encontros com os jovens, apresentamos discussões e referências à contemporaneidade no mundo da Arte no Brasil e no mundo, para terem uma noção local e global, conhecerem noções conceituais que atravessam a produção de Arte. Intercalando os encontros do Grupo, realizamos encontros com artistas, visitas a exposições, exibição de filmes e documentários sobre Arte. Apesar de nos inspirarmos em boas práticas, este projeto tem características próprias e peculiaridades.





7. Perfil sócio/afetivo
e inventado do grupo/
pesquisador

Faremos nesse capítulo uma breve apresentação do Grupo-Pesquisador e de todos os participantes do Projeto. Durante todo o acontecimento do Projeto, pudemos realizar algumas observações acerca dos participantes que estiveram envolvidos, os que puderam acompanhar do início até a sua conclusão, como um Grupo-Pesquisador inicial, como também aqueles que traçaram um caminho mais efêmero, participando somente das últimas etapas, quando sentimos a necessidade de envolver mais pessoas da Comunidade na intervenção; esses foram responsáveis pela etapa que culminou o desfecho e produto a ser deixado na Comunidade, de suma importância para os resultados alcançados.

Estamos nomeando essa análise sobre o Grupo como perfil socioafetivo. Isso se justifica porque, durante toda a realização do projeto, as questões que afetam e causam afetos são aqui consideradas o elo entre os processos de criação, as trocas, as experimentações e os diálogos sobre as questões pertinentes ao projeto. O que afeta, para nós, é tudo aquilo que possibilita a experiência e com ela a transformação. Quando o grupo é convidado a participar, ele se posiciona a partir do que o move, com base no que encanta e conduz a experimentar.

Larrosa (2002) afirma que a experiência é ocasionada pela paixão; como sujeito de passividade, que se entrega, ele se dispõe a ser atravessado pela experiência, afetado, “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Quando convidamos os grupos a participar das ações, a nossa intenção não era identificar individualmente cada participante e dele traçar um perfil formal e direto, mas de maneira coletiva, identificar o que move um grupo, naquela Comunidade, a participar de um projeto que propõe a Arte como ferramenta de interlocução, aprendizado e transformação.

O projeto, desde o início, se propõe coletivo e em rede; os processos/ações foram sendo bordados a partir das vontades manifestadas na Comunidade, diante das propostas que são realizadas por meio do Museu da Vila, no local. Percebemos o Museu como um fenômeno que possui um corpo fluido e se adapta àquilo que pudemos identificar no dia a dia de uma Comunidade que está vivendo transformações inéditas através de arranjos poéticos, afetivos, aprendizados em Arte, em corpo, como também acerca de suas relações com o território, o patrimônio, juntamente com atividades que envolvem as questões econômicas locais.

Nesse contexto e durante o procedimento, fomos aplicando algumas ferramentas que nos ajudaram a captar, perceber e analisar o perfil dos participantes, os atores protagonistas das ações; cada instrumento foi adaptado à forma como os atores estavam inseridos no Projeto. Os instrumentos utilizados para recolher as informações foram diversos, alguns mais objetivos e outros com arranjos mais poéticos e subjetivos, intencionalmente projetados para que pudéssemos traçar os perfis; foram aplicados durante os procedimentos em diferentes etapas, como: captação de áudios e transcrição, Cosmonário, questionário, exercícios de texto e imagens durante as atividades e avaliação.

As observações e percepções sobre o Grupo, a princípio, foram realizadas por meio de encontros e de rodas de conversa. Sem que aplicássemos um instrumento específico, fomos conhecendo os participantes, informalmente, percebendo as entrelinhas da vida e do dia a dia de cada um. A pesquisa ação não só permite, mas proporciona que o pesquisador participe do dia a dia dos atores envolvidos, desta maneira, é possível que seja desconstruída qualquer barreira entre o Pesquisador e o Grupo-Pesquisador, facilitando o diálogo horizontal e plural entre todos.

Apesar da informalidade desse tipo de coleta, ela se torna imprescindível para que possamos perceber alguns detalhes dificilmente revelados em um jogo de perguntas e repostas de um questionário, por exemplo. Com base nesse dia a dia, pudemos perceber que alguns dos participantes preferem conversar sobre sua vida na Comunidade, suas relações e problemáticas, longe das pessoas da própria família, pois ali estariam sendo de alguma forma observadas e posteriormente julgadas pela fala. As casas, a escola, a praça, a praia, o museu, todos esses lugares foram palcos para os encontros; e, em cada lugar, o Grupo comportava-se de acordo com suas memórias e relações ali estabelecidas.

Durante os encontros com o Grupo-Pesquisador, motivados pelo despertar do Grupo através da Oficina de Sociopoética e pelos encontros discursivos sobre Arte, aqui descritos no Capítulo nove, fomos construindo uma maneira inventiva para perceber o Grupo-Pesquisador em todo o processo, e nas questões que norteavam nossas discussões; gerando um encontro em que aplicamos um questionário nomeado de “*Cosmonário*”, intitulado “*Memórias inventadas de si no Coqueiro*”.

Com esse Cosmonário, pudemos traçar um perfil afetivo e inventado de suas identidades, no bairro, de maneira subjetiva, que releva muitas questões intrigantes e importantes sobre quem são esses jovens e sua relação com os lugares, as pessoas, os saberes, os objetos; seus valores, desejos, dentre outras questões.

Para os participantes da etapa de intervenção, da Escola Carmosina, aplicamos um questionário que chamamos de “*Questionário para construir um mapa afetivo*”, contendo informações sobre as memórias e interesses culturais dos participantes.

Vamos aqui fazer um detalhamento de quem são esses atores a partir desses dois tipos de questionários que foram aplicados.

É importante destacar que tivemos, ao todo, dezessete participantes que são moradores do Coqueiro e cinco participantes que se aproximaram, no dia da intervenção, para contribuir com o desenho do mural, sendo esses turistas e convidados, em sua maioria, que souberam da ação pelas redes sociais. Faremos o perfil dos moradores da Comunidade, pois foram esses que, em sua grande maioria, tiveram maior e mais pontual participação (Figura 4).

Antônio Marques Martins, vinte e dois anos, solteiro, sem filhos. Conhecido como Filhinho, na Comunidade. Dançarino de *break*, ajuda o pai nos serviços gerais, de pedreiro a ajudante de pescador. Filhinho escolheu como heterônimo: General. Se não tivesse vinte e dois anos, ele gostaria de ter quatro anos. Se não morasse no Coqueiro, ele gostaria de estar na Noruega.

No bairro onde mora, o Coqueiro, Filhinho criou um personagem imaginário de si através do Cosmonário. Segundo suas respostas, ele seria uma criança dançarina e estudiosa, mas se tivesse setenta anos, seria um velho maduro. Poderia ser também um artista espontâneo ou uma instalação coreográfica. Se pudesse ser uma expressão no Coqueiro, ele seria uma dança; se pudesse ser um saber fazer, seria um comerciante, se fosse uma celebração, seria um encontro entre amigos; se fosse um lugar, seria a praia; e se fosse um objeto, seria uma caneta.

Antônio, o General, diz ser também uma vila de pescadores e um bairro independente; e se fosse o clima do lugar, seria frio; se fosse o mar, seria morno; se fosse o vento, seria frio. General, gostaria de ser uma mansão, se fosse uma casa; e salvaria dessa casa, caso algo acontecesse, um envelope de dinheiro. Sobre ser dinheiro, ele seria um dinheiro limpo, seria um círculo virtuoso.



Figura 4 - Antônio Filho, Oficina de Sociopoética, 2018. |
Fonte: Marina Medeiros, 2018.



Figura 5 - Omael Aguiar, Oficina de Sociopoética, 2018. |
Fonte: Marina Medeiros, 2018.



Figura 6 - Francisco Nascimento, Oficina de Sociopoética, 2018. |
Fonte: Marina Medeiros, 2018.



Figura 7 - Leticia Aguiar, Oficina de Sociopoética, 2018. |
Fonte: Marina Medeiros, 2018.

Morando no bairro em que vive, Filhinho diz que gostaria de ser um pastor comerciante e de bem com a vida, mas se fosse um pescador, seria um pescador esperto (Figura 5).

Omael Rodrigues de Aguiar, aos vinte e um anos, mora no Bairro Coqueiro, estudante de Economia na Universidade Federal do Delta do Parnaíba. Omael gosta de pensar e passar a vida com tranquilidade; adora fotografias e ler sobre as filosofias do mundo. Escolheu como heterônimo o nome João. E, segundo as suas memórias inventadas, ele moraria em Teresina, caso não morasse em seu lar; e se tivesse setenta anos, seria feliz. Mas se fosse uma criança, seria uma criança silenciosa.

João seria um bairro animado, uma vila de pescadores e seu lugar seria a rua. Sua expressão seria uma imagem fotografada; sua celebração, uma roda de capoeira; e se fosse um saber fazer, seria um artesão; se fosse um objeto, seria uma âncora. Como casa, ele seria uma casa em construção, como dinheiro, ele seria investido; e caso precisasse salvar um objeto ele salvaria uma foto da família (Figura 6).

Ele seria um artista; e caso fosse um pescador, seria corajoso. Omael ou João, poderia ser um clima quente, um vento forte e um mar calmo; ele seria um fractal de possibilidades.

Francisco Sousa Nascimento, conhecido como Mamona na Comunidade em que mora, no Bairro Coqueiro, e no mundo do *Hip-hop*, é conhecido como Saymon. Aos vinte e um anos, Mamona já é pai, artista de rua, atua na dança com o *break* e faz grafite. Ele também tem investido na carreira de tatuador, e pretende utilizar Arte como meio de vida. Filho de ex-pescador, Mamona é um jovem artista de espírito leve, que leva a vida de maneira descontraída, e diz que sua missão é transformar os jovens do Coqueiro que estão nas drogas em dançarinos de *break*, para a cura do vício e para que tenham outras oportunidades.

Seu heterônimo é Dad Pol, e se ele não morasse no Coqueiro, estaria na América do Norte, nos EUA e teria quinze anos; mas se fosse uma criança, seria brincalhona. Dad Pol seria um mar limpo, um clima e um vento frio. Se fosse um lugar, seria a praia; um objeto, seria uma âncora. Sendo o seu bairro, ele seria independente, e seria uma vila de pescadores. Se pudesse ser uma expressão, seria uma dança; um saber fazer, seria um produtor de artes; e se fosse uma celebração, seria uma roda de Capoeira.



Figura 8 - Oficina-Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

Mamona salvaria uma foto da família, caso precisasse. Ele seria um artista interessante. Se fosse um dinheiro, ele seria investido; e se pudesse ser uma casa, seria uma casa pequena. Mamona é um círculo virtuoso; e com setenta anos, seria um velho maduro (Figura 6).

Leticia Rodrigues de Aguiar, vinte e dois anos, não moraria em outro lugar que não fosse o Coqueiro. Sonhadora e poetiza, Leticia diz que seu heterônimo seria Flor. E gostaria de ter sessenta anos, e, se velha, seria madura.

Seu lugar seria o farol, seu objeto seria um livro, sua expressão seria uma história contada. Se fosse uma celebração, ela seria uma missa. Flor, caso fosse um saber fazer, seria um pedreiro. Ela seria como o pai, um pedreiro. Leticia sonha em ser uma pedagoga e é apaixonada pela Arte. Se tivesse que salvar um objeto, ela salvaria uma foto da família.

Flor seria uma criança brincalhona, mas se fosse uma artista, seria espontânea. Caso fosse um pescador, ela seria corajosa; e, se fosse o seu bairro, ela seria independente. Leticia, como uma casa, estaria em construção, mas se pudesse ser um vento, seria leve. Se pudesse ser um clima, seria quente; e se pudesse ser o mar, seria agitado. Leticia, a Flor, certamente, se pudesse ser o Coqueiro, seria uma vila de pescadores.

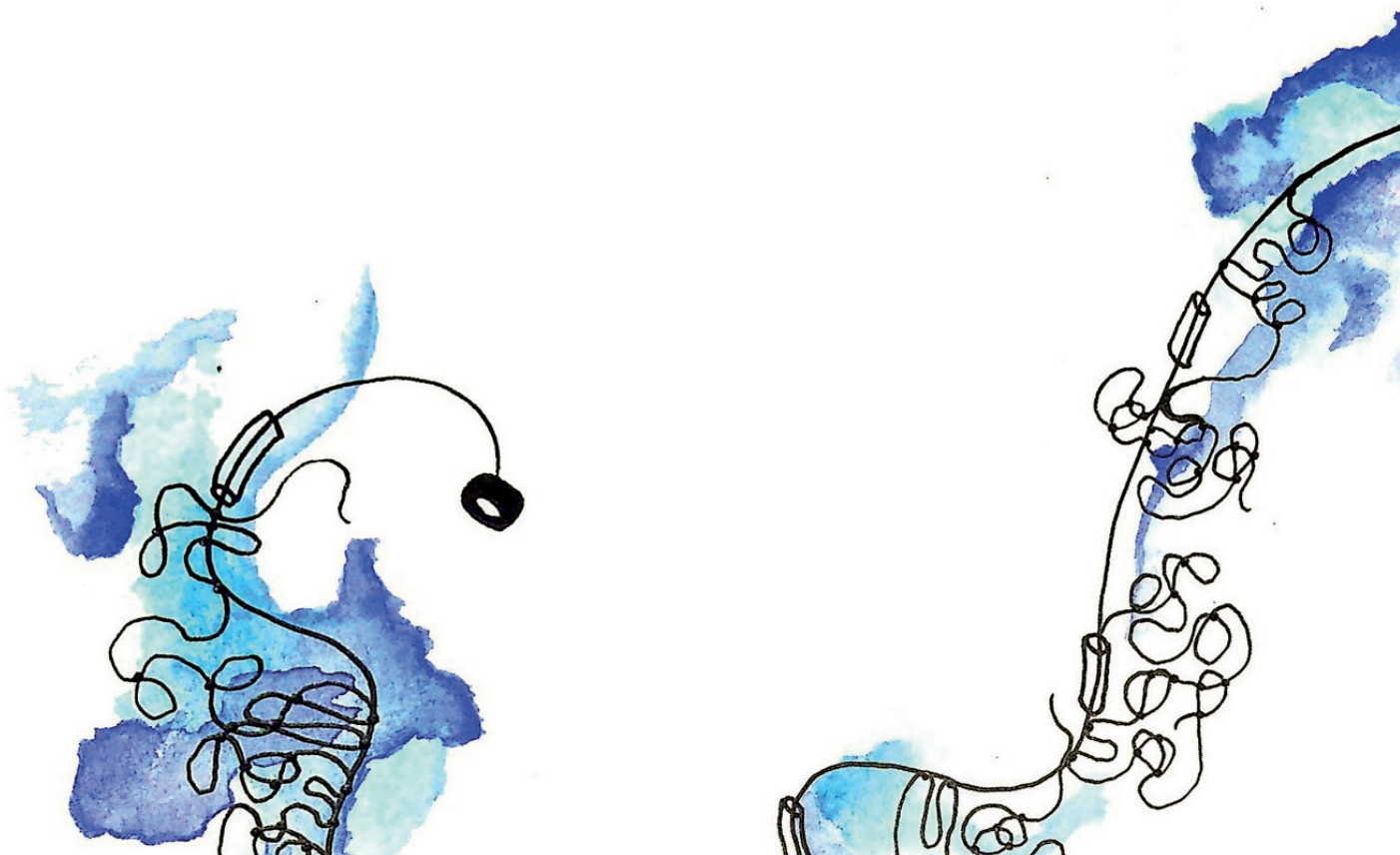
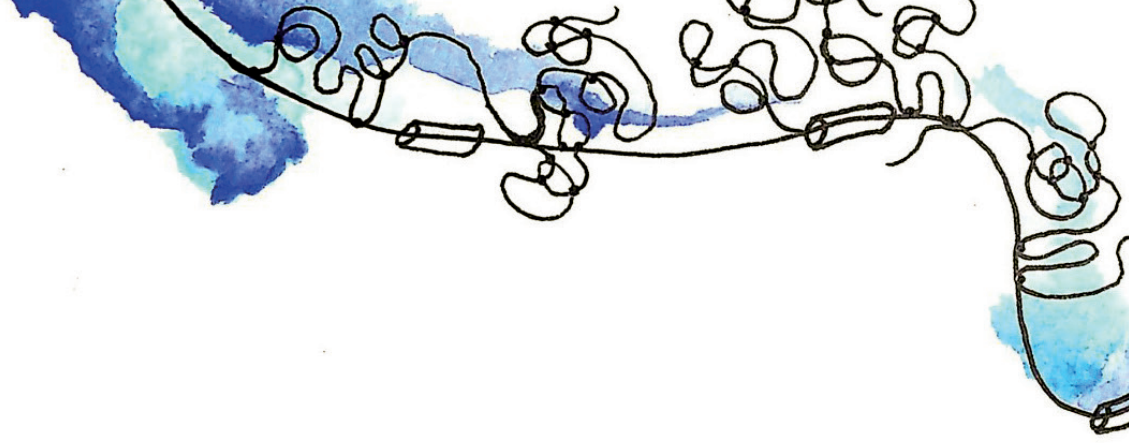
Para os participantes da produção do Mural Coletivo, preparamos uma breve apresentação a partir das respostas que os alunos da Escola Carmosina responderam no questionário para construir um mapa afetivo (Figura 8).

Montamos, a seguir, um quadro que traz as perguntas e respostas sobre suas vontades de produzir Arte e sobre memórias suas e da família. Com esse perfil, pudemos selecionar os alunos que gostariam de experimentar a construção do Mural. Aqui se encontram as respostas comuns dos que participaram e responderam o questionário (Quadro 1).

Quadro 1 - Perguntas e respostas sobre a vontade de os alunos produzirem arte e memórias suas e da família.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
Idade	12 a 18 anos.
Onde moram?	Coqueiro.
Onde se sentem mais felizes?	Casa, praia, campo, escola, hotel, tomando banho no mar.
Gostariam de se expressar por meio de?	Música, desenho, fotografia, pintura, grafite.
Gostariam de expressar o quê?	A família, as coisas que vejo e gosto.
Já fizeram que tipo de trabalho artístico?	Animação, desenho, aulas de arte na escola.
O que gosta de fazer no Coqueiro?	Ir para a casa dos amigos, ficar em casa desenhando, brincar com os amigos, estudar, ir para a escola.
Quais os lugares que você se sente inseguro?	Na rua, em todos os lugares.
Quais as pessoas que conhecem a história do Coqueiro?	Os moradores mais velhos, Francisco Teixeira, tio Nestor, Sr. Zeca, Pedro Lima e Bené (pescadores), meus amigos.
Lugares que marcam a vida das pessoas no Coqueiro.	Igreja, campo, praia.

Fonte: Marina Medeiros, 2018





8. *Acolhendo e inventando
poéticas na comunidade*



Usamos a metodologia Pesquisa-Ação e a Sociopoética; a primeira nos possibilita, além de uma participação ativa do Grupo, planejar ações de caráter social, educacional, técnico, que nem sempre se encontram em propostas de pesquisa somente participante, como a Sociopoética (THIOLLENT, 2011).

Como suporte metodológico para iniciarmos a pesquisa, a Sociopoética contribuiu com os princípios participativos e colaborativos, em que Pesquisador e Grupo com o qual trabalha estão em igual posição na produção dos conhecimentos para a pesquisa; esse é um dos princípios que propõe a pesquisa e é importante para esse primeiro momento em que realizamos um diagnóstico ativo e potente sobre o território e as pessoas, residente, atores da Comunidade.

A metodologia da Sociopoética tem como um de seus princípios norteadores, a responsabilidade política, social, ética, cognitiva e espiritual do Grupo-Pesquisador no desenvolver da pesquisa e sua exploração (GAUTHIER, 2015). A escolha desse método se dá por nos permitir formas de aproximação com o Grupo-Pesquisador, nos orientar em ações na construção de processos artísticos, acreditando que a Arte revela no Grupo-Pesquisador subjetividades e conceitos intrínsecos, indispensáveis em uma produção participativa. A pesquisa em Sociopoética mobiliza todos os recursos do corpo para produzir dados: as sensações e sensibilidade, a intuição, as emoções, a razão (GAUTHIER, 2015).

Os princípios que regem a Sociopoética são cinco (GAUTHIER, 2009):

1 A instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, no qual cada participante da pesquisa está ativo em todas as etapas dessa pesquisa.

2 A valorização das culturas dominadas e de resistência é uma orientação que, diretamente, aponta para outras maneiras de interpretar o mundo, não eurodescendentes e que foram marginalizados pela colonização e pelo capitalismo.

3 Os sociopoetas pretendem pensar, conhecer, pesquisar e aprender com o corpo inteiro, ao equilibrarem as potências da razão pelas da emoção, das sensações, da intuição, da gestualidade, da imaginação.

4 Ao privilegiarem formas artísticas de produção dos dados, os sociopoetas colocam em jogo capacidades criadoras que mobilizam o corpo inteiro e relevam fontes não conscientes de conhecimento.

5 Os sociopoetas insistem na responsabilidade ética, política, ética e espiritual do Grupo-Pesquisador, em todo momento do processo de pesquisa.

Todos esses princípios convergem simultaneamente para o objetivo de potencializar o Grupo-Pesquisador enquanto filósofo ou intelectual coletivo que cria pensamento mediante confetos-conceitos perpassados por afetos (ADAD, PETIT, 2018, p. 136).

Sugere além de encontros individuais para promover aproximações e intimidade entre os participantes e o facilitador (pesquisador), encontros com o grupo, para as oficinas e outras atividades. Nas oficinas, o uso de recursos artísticos são oportunidades de produção de conhecimentos, em que o facilitador percebe e registra o acontecido e, com o grupo, faz um levantamento das questões importantes que surgem. Essa produção sensível de dados, que a Sociopoética denomina de Confetos: Conceitos + afetos (GAUTHIER, 1996), para o nosso projeto, são materiais potentes acolhidos e registrados que nos ajudaram a formular as ações educativas e a intervenções na comunidade.

Os confetos são mais do que enunciados intelectuais, são a expressão de experiências coletivas que implicam o corpo sensível, portanto, uma forma potente de pensamento que não se limita à razão. Os conceitos, portanto, podem ser poéticos e/ou metafóricos, miscigenados, interferenciais. Geralmente anarquizam referências prévias (ADAD, PETIT, 2018, p. 143).

Para a Sociopoética, a produção de conhecimento também é de fundamental importância, e acontece por meio do grupo. Trata-se de um conhecimento coletivo e norteado por metáforas; por serem produzidos após processos de criação, o pesquisador facilitador precisa estar sensível para poder analisar os dados. Consideramos que:

[...] a metáfora é o vínculo privilegiado que transporta os sentidos da vida cotidiana de um mundo semântico para um outro, participando da co-construção de agenciamentos coletivos de enunciação (GAUTHIER, 2004, p. 135).

As categorias de pensamentos são geradas e depois reveladas após a experiência com técnicas que mobilizam o corpo todo, utilizando-se de processos criativos em Arte para a produção desses dados.

Para a Pesquisa-Ação é preciso estar atento a dois objetivos principais que devem nortear a pesquisa: objetivo prático, que visa contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado; e o objetivo do conhecimento, que visa obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos. Michel Thiollent considera a Pesquisa-Ação como uma estratégia que agrega vários métodos ou técnicas de pesquisa social com os quais se estabelecem uma estrutura coletiva e participativa (2011, p. 32), desta maneira, podemos considerar a Sociopoética como um método que corrobora a Pesquisa-Ação.

Para acompanhamento das produções artísticas, usamos os modelos de residência artística como referência, para pensarmos como os encontros, oficinas e aproximações acontecem através da Arte. As residências são:

Deslocamentos espaço-temporais, trocas, experiências-limite, convivências, isolamento, dedicação, concentração, mobilidade, contatos pessoais e culturais são aspectos relevantes e significativos indicados pelos artistas – em conversas e depoimentos – e que colocam a residência artística vivida por eles como uma experiência transformadora e, antes de qualquer coisa, de introspecção, também pela busca de sua própria relação com o mundo (BEZERRA, VASCONCELOS, 2014, p. 41).

Os nossos encontros com o grupo de jovens da Comunidade Coqueiro da Praia se iniciaram no mês de abril de 2018, foram dez encontros, além das participações em outras atividades, em colaboração com outros projetos do Projeto Matriz MUDE do PPGAPM. Durante o percurso, estivemos atentos aos três aspectos que propõe a Pesquisa-Ação: resolução de problemas, tomada de consciência, e produção de conhecimento (THIOLLENT, 2011).

Descreveremos aqui, de forma breve, os encontros que realizamos com os jovens, para compreendermos o percurso da pesquisa; e, no próximo momento, iremos expor a produção de dados de uma das etapas do projeto.





Figura 9. Produção oficina de Sociopoética. Leticia Aguiar, 2018.

PRIMEIRO ENCONTRO

[Apresentação do Grupo de Pesquisadores e proposta do Projeto - abril, 2018]

Após identificarmos e convidarmos pessoalmente os possíveis interessados em participar do projeto, marcamos nossa primeira reunião em grupo. Conhecemos cada um dos jovens, seus interesses e objetivos no campo da Arte. Apresentamos a proposta do projeto, tendo em vista que poderíamos ampliar o grupo convidando mais pessoas da Comunidade.

Decidimos que faríamos mais dois encontros para que a facilitadora levasse a uma discussão sobre Arte, artistas e possibilidades e uma proposta para nossa primeira oficina.

Escolhemos fazer um caderno artesanal, os jovens poderiam usá-lo para registrar o seu percurso, como diário de bordo.

Passamos a conhecer mais de cada participante, seus anseios sobre o que poderiam aprender e fazer através da Arte. O Grupo-Pesquisador também falou bastante sobre o Bairro do Coqueiro da Praia, sobre as pessoas, lugares. Como facilitadora, pudemos incentivar discussões sobre questões recorrentes no território, para que pudéssemos nos conhecer.

O lugar e os anseios do pesquisador, como chegamos ali, o porquê de termos escolhido trabalhar com jovens, um grupo que representa o encontro entre as memórias de tempos passados e os anseios por transformações atuais, por possuírem o desejo de criar, de experimentar a Arte. Foram conversas empolgantes, pensamos sobre a possibilidade de construção, de criação, de transformações, foram momentos inspiradores.

SEGUNDO ENCONTRO - OFICINA

[Confecção de cadernos de artista e discussão sobre Arte - conceito e múltiplas possibilidades; planejamento da primeira ação na Escola Municipal Carmosina, maio de 2018, na Vila-Bairro Coqueiro]

Nesse encontro, pudemos discutir conceitos de Arte contemporânea, coletivo de arte, arte e intervenção, práticas e linguagens artísticas. Lemos, vimos e conversamos sobre Arte. Falamos também sobre as questões relacionadas ao Patrimônio Cultural, sobre a Comunidade e como poderíamos pensar em “rede”, a partir desse contexto; em possibilidades de intervenções, a partir do que cada um do Grupo-Pesquisador pudesse trazer de referência artística. No grupo, há uma diversidade de gostos e práticas artísticas. Dois membros do grupo são do *Hip-hop*, um deles grafita e é tatuador profissional; outro desenha; outra faz poemas, músicas e dança.

De início, foi planejada a confecção de cadernos artesanais, nomeados caderno do artista. Utilizamos papel A4 para as folhas, linha e agulha para costura e papel cartão para a capa. Cada artista produziu o seu. No momento da produção, falamos sobre como o caderno poderia ser usado para anotações e desenhos sobre o que eles achassem interessante no dia a dia. Que seria um suporte importante para a pesquisa em Arte, experimentando um olhar mais investigativo e crítico sobre o bairro, suas ruas, as pessoas e situações diversas.

Foi um dia produtivo, trocar experiências nesse momento foi de fundamental importância para que pudéssemos perceber que a Arte surge dos diversos lugares. Ela é produtora de sentidos dentro dos contextos escolhidos. As práticas, técnicas artísticas surgem com o dia a dia, um olhar crítico, com a pesquisa e interesse nos materiais e meios de se criar.

Os cadernos produzidos ficaram sob a responsabilidade do Grupo-Pesquisador e não tivemos retorno das produções realizadas por cada membro (Figura 9).



Figura 10 - Omael. Oficina de Encadernação Artesanal, maio 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

TERCEIRO ENCONTRO

[Ação na Escola, Apresentação do Projeto, participação do grupo de *Hip-hop* e produção de grafite, maio, 2018]

Definimos que, no dia da apresentação do Grupo-Pesquisador, este mostrasse um pouco da produção que já havia sido feita, suas práticas artísticas. Tiveram autonomia para definir o lugar e montar a programação da ação; como facilitadora, apenas orientamos. O lugar escolhido foi o pátio da Escola Municipal Carmosina Martins da Rocha. Para tanto, fizemos o convite à Comunidade.

Naquele momento, na condição de pesquisadora-facilitadora, atuávamos como ministrante de Curso do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC, programa do governo federal, através do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Piauí; levamos para a Vila-Bairro os estudantes do Curso de Pintura em Tecido, que realizávamos na cidade de Parnaíba, com a Equipe de professores, que, no dia das apresentação na Escola, montaram um dia de atividades. Em meio a elas, a visita à Escola Carmosina para prestigiar a apresentação do Grupo-Pesquisador e projeto.

Montamos instalações no pátio da Escola, com diversas imagens de trabalhos de artistas visuais contemporâneos; com os cadernos artesanais produzidos pelos jovens; com os desenhos produzidos por um dos integrantes do Grupo-Pesquisador, Francisco Nascimento, também conhecido como Mamona (Figura 10).

Iniciamos as apresentações com uma conversa sobre o projeto e seus objetivos; falamos acerca do Grupo, e convidamos todos aqueles que se interessassem em participar. Naquele momento, cada membro do grupo fez uma breve apresentação de si, falou de seus anseios e objetivos no projeto.

Após essa fala, o Mamona e o Antônio Filho, do *Hip-hop*, apresentaram o Grupo de *Bboys* de Luís Correia, que falou desse movimento cultural, artístico e quais os seus pilares: o grafite, o *break*, a música, a poesia, encontro nomeado de *cypher* (encontro de *bboys*, bate papo, ações). O Grupo apresentou o *break* para todos; dançaram e falaram sobre como era a prática, o treino e seus objetivos.

Após o *break*, finalizamos as apresentações com um grafite ao vivo, criado pelo Mamona (Figura 11).

Posteriormente, no Museu da Vila, compartilhamos experiências daquele evento em maio na Escola da Vila-Bairro, fizemos um bate-papo sobre as ações; pudemos perceber a importância de ações dessa natureza para o diálogo sobre identidade, arte e Comunidade. O Grupo-Pesquisador avaliou as ações de maneira muito positiva, e isso nos fez prosseguir com mais segurança.



Figura 11 - Instalação com desenhos Mamona. Escola Carmosina, maio de 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.



Figura 12- Grafite na ação Escola Carmosina por Mamona, maio de 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

QUARTO ENCONTRO

[Visita à Exposição Confluências na cidade de Parnaíba]

Em nosso quarto encontro, realizamos uma visita ao Centro Cultural Sesc Caixeiral, no Centro Histórico da cidade de Parnaíba. Visitamos a Exposição Coletiva do Projeto de Circulação Nacional *Sesc Confluências*, de formação e circulação de artistas iniciantes e que ainda não estão inseridos nos grandes circuitos de arte nacional. A exposição se intitulava “Territórios e Fronteiras” e trazia o trabalho de sete artistas de Estados brasileiros.

Visitarmos a exposição significava proporcionar a esses jovens o encontro com a Arte, discutir sobre o tema e como cada artista usou técnicas e investigações diferentes para criar. Por serem jovens, iniciantes, a exposição foi uma oportunidade de discutir o circuito de Arte, os caminhos traçados, os lugares, e como o artista surge em meio ao contexto em que vive. A exposição foi mediada pelos funcionários da instituição e o grupo pesquisador teve a oportunidade de tirar dúvidas, apresentar curiosidades e aprender mais sobre Arte, coletivo de arte, território (Figura 12).

Após a visita, fizemos uma roda de conversa; na ocasião, aproximaram-se dois bboys da cidade de Parnaíba e compuseram a roda para enriquecer a discussão. Reafirmamos os temas da Exposição, ouvimos uns aos outros sobre as técnicas e a importância de ver, participar e experimentar o que circula na cidade ou o que nos está próximo, como oportunidade de aprendizado e inspiração.



Figura 13 - Visita a Exposição Confluências. Sesc Caixaeral, maio de 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

QUINTO ENCONTRO

[Oficina de Sociopoética, junho, 2018]

A Oficina “Maré Cheia, Maré Seca” aconteceu dia 16 de junho de 2018, em uma Sala no prédio do Museu Tartarugas do Delta, no Sesc Praia, município de Luís Correia, próximo à Vila-Bairro Coqueiro.

Descreveremos, a seguir, o roteiro da Oficina: Iniciamos com o Grupo descontraído, sentado ao chão, em círculo. A conversa de partida foi sobre a Sociopoética: de que trata, como seria a nossa vivência, o porquê de ser utilizada essa metodologia; falamos sobre respeito, confiança e sobre o tema gerador. Os jovens assinaram termo de autorização de imagem e som – então iniciamos.

Pedimos que deitassem sobre os tatames. Iniciamos com uma sessão de relaxamento. Com os olhos fechados, pedimos que sentissem seu corpo tocando o chão, fomos mediando a atenção plena a cada parte do corpo, falando da importância de cada parte, de como estavam vivas e como funcionavam. Falamos sobre as seguintes questões: caso seu corpo fosse o mar, como ele seria? O que deixa seu corpo cheio? O que lhe preenche todos os dias? Como seu corpo sente o cheio? Ele fica feliz? Ele fica triste? O que tiraria dele? O que esvaziaria? Pensa no seu corpo na maré seca, sem nada. Dele você tirou tudo o que lhe preenche. Todos os sentimentos bons, todas as coisas boas que estavam lá e todos os sentimentos ruins. O seu corpo mar é o corpo da Arte. Ele é o pincel, a mão que modela, a mão que fotografa, ele é a mão que costura, é a mão que fala. O seu corpo mar são os caminhos que percorrem o bairro em que mora. É o vizinho do lado, é o desconhecido que chega todos os dias, e todos os dias vai embora. Quando ele chega, seu corpo fica cheio, quando ele vai embora seu corpo fica vazio. Quando ele chega seu corpo fica vazio, quando ele vai embora seu corpo fica cheio.

Seu corpo são todos, todas as histórias do Coqueiro, as histórias dos pescadores, dos turistas. Agora, imagine que o teu corpo não faz parte de nada disso, é um corpo que não conhece nada disso, que nunca ouviu uma história, nunca fez parte do dia a dia do bairro, que não conhece a Comunidade onde vive.

Os jovens ficaram por aproximadamente vinte minutos em meditação. Havíamos planejado, junto ao cofacilitador, convidado para esse momento, especialista nas questões do corpo em

atividades física, Dráusio Valetim¹, um movimento para o corpo que lembrasse o da maré cheia e da maré seca; assim, após a meditação, colocamos a música *Prece de pescador*², na versão cantada por Mariene de Castro³, e fizemos o movimento repetidas vezes.

Esse movimento foi elaborado com o intuito de pensar o corpo como metáfora da Vila-Bairro e as problemáticas dos cheios e vazios que acontecem periodicamente na região e que traz e leva todas as questões que abraçam a pesquisa. O *Maré Seca e Maré Cheia* faz referência também ao movimento do mar; assim pudemos colocar o Grupo-Pesquisador como um corpo bairro e um corpo mar, que carrega consigo o movimento diário dos cheios e vazios da Comunidade, dos turistas, do patrimônio, das memórias, dentre outras questões (Figura 13).

Após a dança, orientamos que fizessem o diário itinerante, que relatassem o pensaram, sentiram nesse corpo jovem que fala do bairro, seus problemas, saberes, fazeres, lugares, por meio da Arte. Após a escrita do diário, ouvimos os relatos e os gravamos. Seria essa nossa primeira produção de dados para esta pesquisa.

Logo após, disponibilizamos uma diversidade de materiais para que confeccionassem um mapa sensível do bairro a partir de suas falas, das escutas do grupo, trabalho realizado em aproximadamente quarenta minutos. Foram desenhos, colagens, costuras, pinturas, que retratavam os lugares, as pessoas, os desejos sobre as transformações que o grupo gostaria que o bairro sofresse em relação a equipamentos culturais, atendimento à saúde, educação, valorização das pessoas para melhores condição de vida. Construíram um bairro com seus sonhos, com suas cores e seus sentimentos.

Tornaram visíveis *O mar doce lar*, um *confeto*⁴ criado por uma das jovens, e também o *lápiz amarelo-luz*, como sugere a fala do jovem Antônio Marques Martins:

1. Educador físico, especialista em Atividade Física em Saúde Coletiva e *personal trainer* e trabalho de força. Diretor Técnico da Federal de Karatê Dô Tradicional do Piauí.

2. De autoria da cantora Mariene de Castro, a música faz referência ao pescador e suas preces.

3. Baiana, nascida em Salvador, Mariene é atriz, cantora, instrumentista, bailarina e compositora.

4. Confeto é uma terminologia utilizada para designar, segundo a metodologia de Sociopoética e seu autor, Gauthier, CONCEITOS + AFETOS. Resultado dos dados produzidos após a experiência afetiva com a arte e o corpo em uma Oficina de Sociopoética (GAUTHIER, 2009).

O CORPO E SEU
UNIVERSO

Vazio



EU, FIQUEI em uma
Posição RELACHADA,
FEZEI OS OLHOS E ME
IMAGINEI, em outro
mundo, em meio
de uma "meditação"

isso tudo é "ARTE"

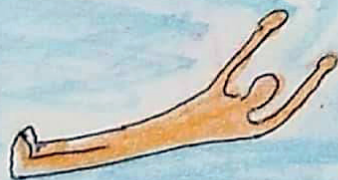
ASSIM COMO
NOSSO "CORPO"
TEMOS VARIAS FORMAS
de nos PREENCHER!



"APENAS COM
O CORPO:



E PRA FINALIZAR
O RELACHAMENTO
NÃO A NADA MELHOR
QUE DE ESPRIGUIÇAR.



Scanned with
CamScanner

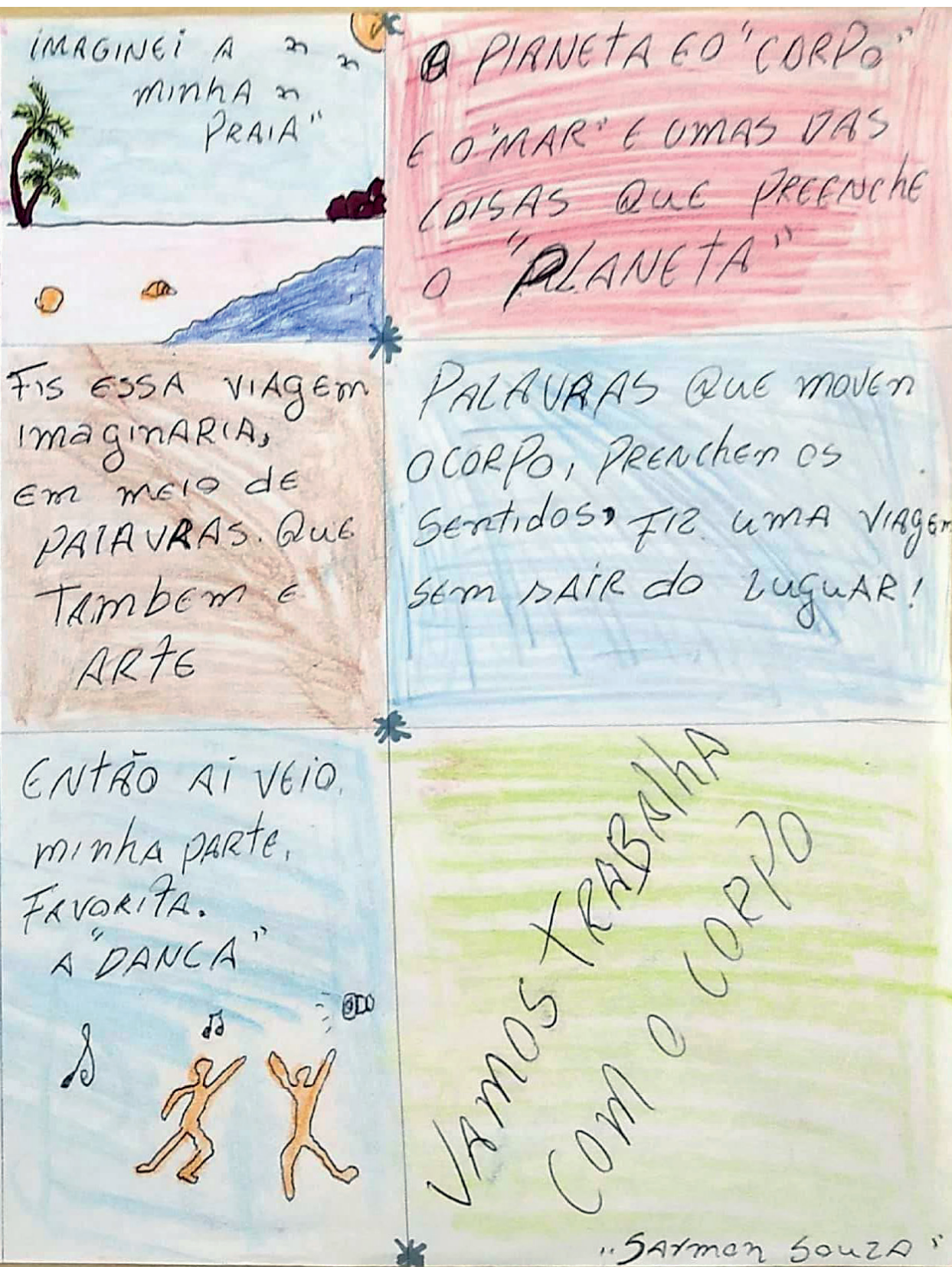


Figura 14. Produção oficina de Sociopoética. Francisco Nascimento, 2018.

Pensar sobre o que me deixa vazia é o que nós pensamos no nosso dia-a-dia no nosso bairro, na nossa comunidade em relação aos nossos problemas e as poucas formas de soluções, pois somos jovens, idosos, crianças e adultos que temos a ferrugem da luta que é o nosso corpo, nossa voz mas, que implicitamente não é o suficiente para resolver o que pensamos.

A forma como somos vistos, esculpidos e interpretados me deixa cheia. Cheia de tristeza, de raiva porque o que dizem. Somos um POBRES, filhos(as) de políglotos, cozinheiros e garçons, mais temos a inteligência e o amor para queremos sair do nosso quadrado e girar pro mundo. **QUEREMOS UM BARRIO MELHOR, UM MUNDO MELHOR!** Temos dignidade e queremos ser vistos de outra forma, não somos pobrezinhos, fadinhos, "bichinhos", somos pessoas e queremos respeito para com nós, mas principalmente para com nosso lugar, nossa praça, nosso bairro, nosso lar.

O que faz eu me sentir cheia é saber que nós como um só podemos mudar a qualidade do nosso lar, do nosso lugar.

Saber que a cada dia que temos, a cada nascer do sol e vai e vem um das ondas nos temos a oportunidade de fazer algo melhor a diferença para nosso futuro, dos nossos filhos e de todos, mas o que realmente

o importante é fazer a diferença não é pensar só no **EU** mais sim no **WÓS**.

O que nos move, o que é o nosso meio o meu entro é a cidadania porque é um dever de todos usar cidadão.

**A VIDA É FEITA DE
ESCOIMAS, E ESCOIMAS
SÃO FEITAS POR WÓS.**

Leticia Rodrigues de Aguiar



Scanner
CamScanner

Gente eu fiz um poema, eu fugi um pouco o assunto, mas ele é sobre o assunto, ele começa mais ou menos assim: Essa é a hora! Um dia eu tive um sonho, uma ideia louca. Em um dia nublado, cinza, sem sol, onde soldados esverdeados guerreavam nas calçadas pretas, sujas e vermelhas pelo chão. A raiva e o ódio reinavam, mas ali crianças brincavam com lápis amarelo, A-AMARELO. Por causa de um amarelo o sol voltou a brilhar, o amor voltou, o mundo tinha outra cor.

A oficina e suas dinâmicas foram fotografadas pelo cofacilitador convidado, indispensável para que o grupo pudesse fluir durante as horas, produzindo sensivelmente sem que precisássemos nos preocupar com a parte de registro do processo.

Ao finalizar o mapa, deveriam escrever sobre a experiência, individualmente. Ouvimos e gravamos todas as falas; seria nossa segunda produção de dados para a pesquisa. Para finalizar a atividade, fizemos uma caminhada lúdica em grupo, amarrados com linha de lã, caminhamos como um só corpo, passando por obstáculos e desafios, para que pudéssemos pensar sobre a importância do Coletivo. O último momento foi com o *break* que dois dos participantes, o Mamona e o Antônio, nos ensinaram, dançamos e nos despedimos.



Figura 16 - Grupo-Pesquisador, Movimento Maré Cheia, Maré Seca, 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

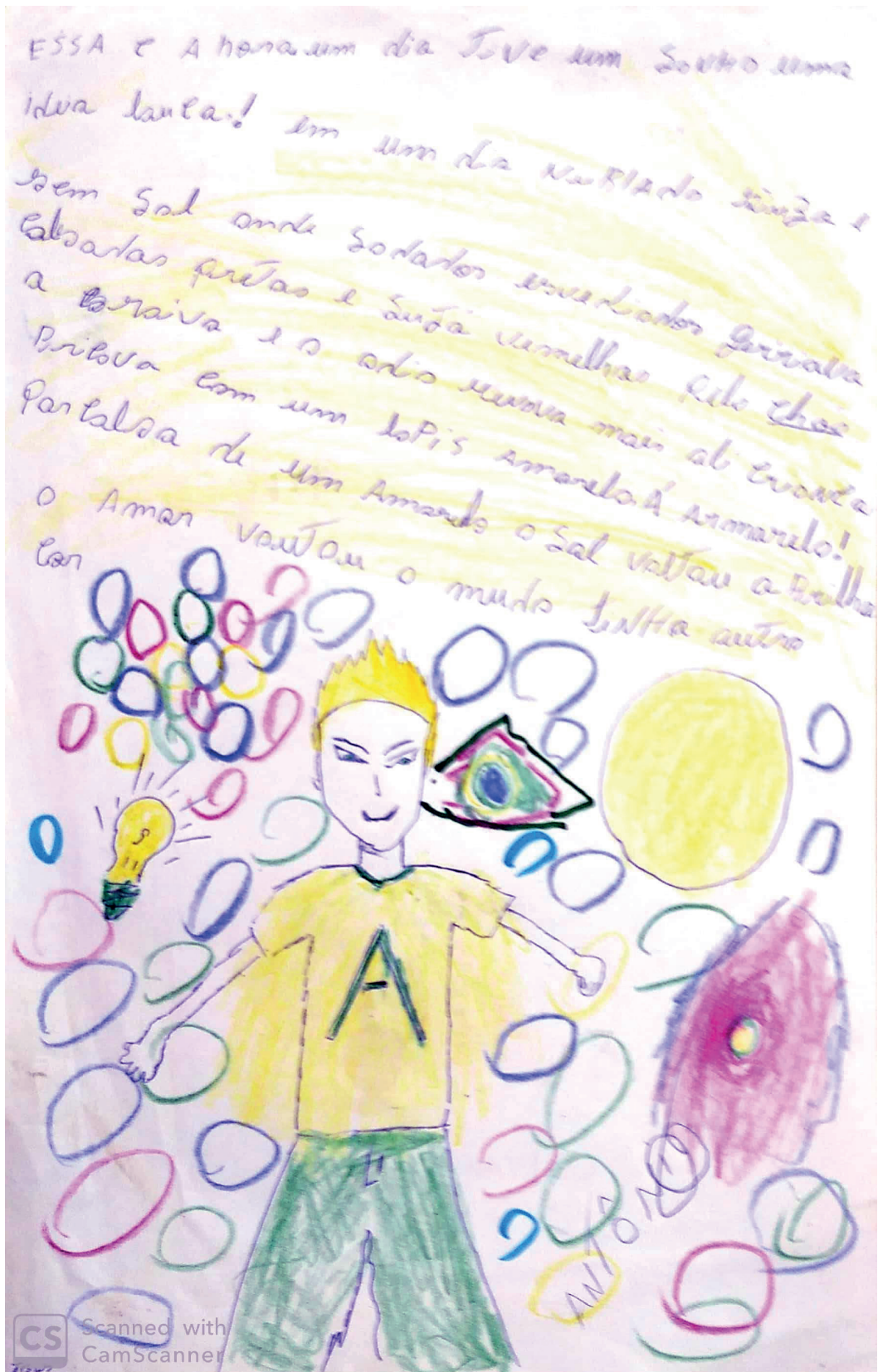


Figura 17. Produção oficina de Sociopoética. Antônio Filho, 2018.



Figura 18 - Grupo de Jovens Pesquisadores, Construção do Mapa Sensível, 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

SEXTO ENCONTRO

[Visita à Exposição, Sesc Caixeiral, “Pulsões à Deriva”, do pintor baiano Artur Rios]

Após uma rica experiência com a exposição do Projeto Sesc Confluências, resolvemos visitar mais uma exposição. Dessa vez, uma exposição do pintor baiano Artur Rios, com o propósito de experienciar diferentes contextos e manifestações artísticas. A visita foi de fundamental importância para o aprendizado do grupo.

SÉTIMO ENCONTRO

[Roda de conversa sobre a produção do Cosmonário “Memórias inventadas de si no Coqueiro”.]

Cosmonário é um questionário afetivo, criado por meio de Oficinas de Sociopoética, realizadas em momentos anteriores, adaptado para o grupo. Quando nos reunimos, buscávamos ampliar sensivelmente nosso corpo em relação ao território, com perguntas imaginadas de si, como, por exemplo: Caso você fosse uma planta no Coqueiro, que tipo de planta seria? Caso você fosse um turista no Coqueiro, que tipo de turista seria?

Para iniciar esse momento, fizemos primeiramente uma seção de relaxamento, conduzida pelo cofacilitador Dráusio Valentim, que novamente colaborou com a pesquisa. O relaxamento propõe um olhar para si, um momento em que o corpo é despertado a conectar com o seu mais profundo interior; ele silencia a mente e possibilita o despertar de todos os poros e sentidos para conectar-se ao mundo. O sentir com o corpo todo é fundamental para que o grupo possa se sentir livre para criar, para se sentir leve e concentrado em si próprio, o que conduz a uma produção verdadeira, criativa e poética do que está sendo proposto.

O propósito é desterritorializar e inventar memórias sobre o lugar. O Cosmonário nos fez pensar sobre a Vila-Bairro, a partir de lugares diversos. Dessa maneira, pudemos estar sensíveis ao território, sem que olhássemos somente pelo nosso ângulo, mas de outros ângulos, com diversas possibilidades (Figura 15).

Ao lermos juntos as repostas, identificar questões intrigantes como a resposta de um membro do Grupo: “se fosse uma casa seria uma mansão”, “se fosse objetos seria sofisticado”; e “se eu pudesse salvar algo na minha casa, seria um envelope de dinheiro”. Para o Grupo, foram curiosas algumas percepções de como estamos inseridos também em situações opostas, por vezes, aquilo que somos.

Quando falamos em preservar a cultura local, a vila de pescadores, ao mesmo tempo, imaginam uma mansão; e os valores estão ligados ao que o Turismo engendra para os de maior poder econômico. Os casarões que tanto criticamos, por ocuparem de maneira irregular a orla da praia, o dinheiro que tirou e modificou, por vezes de maneira desumana, os lugares, as pessoas



Figura 19 - Produção Cosmonário, Momento Meditação, ago. 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

da comunidade, são objetos de desejo. Utilizamos as respostas para a apresentação poética do Grupo quando traçamos seus perfis (Figura 16).

Consideramos uma discussão rica dentro do projeto, apesar de não produzirmos algo plástico nesse dia; contudo, pudemos conversar e observar o meio que nos circunda. Esse encontro aconteceu na “graminha” (denominação dada ao local pelos jovens do bairro – um local de encontro nos finais de tarde e de semana, para ver o pôr do sol), na orla da praia do Coqueiro; lugar escolhido pelo grupo, por considerarem significativo, patrimônio da Comunidade; lugar que frequentam diariamente, situado em frente às casas de veraneio. Nesse dia, além do Grupo, havia outro grupo de homens jogando futebol na praia, aproximaram-se, eram pescadores que permaneceram conosco um bom tempo, “proseando”.

Estar e se perceber em um *lugar patrimônio* foi bastante significativo para esses jovens. Puderam discutir sobre as questões do patrimônio cultural no território, observar o patrimônio vivo em presença, enquanto experimentamos o nosso desterritorializar. Foi uma experiência de aprendizado única. Nos percebermos em meio ao que reconhecemos e queremos defender. Por outro lado, ao tempo em que nos percebermos fora desse lugar, pudemos ampliar as possibilidades de vida no mesmo território, entendendo-o como um lugar de rede, que precisa ser respeitado de maneira horizontal e dinâmica, para que todos os grupos presentes sejam parceiros e lutem pelo mesmo propósito: a defesa do patrimônio cultural local, as pessoas, o território, as espécies em extinção, o Coqueiro e toda sua diversidade cultural (Figura 17).



Figura 20 - Produção do Cosmonário. Conversas, na orla da Praia do Coqueiro sobre as Respostas dos Jovens, ago. 2018. 1

Fonte: Marina Medeiros, 2018.



Figura 21 - Encontro de Pescadores na "graminha", ago. 2018. I

Fonte: Marina Medeiros, 2018.

OITAVO ENCONTRO

[Museu da Vila com os alunos da Escola Municipal Carmosina Martins da Rocha, para a apresentação do projeto e ampliação do grupo para a intervenção artística no bairro.]

O encontro aconteceu no Museu da Vila, também sede do PPGAPM e da Associação de Moradores, e um dos polos do MUDE. Inaugurado em junho de 2018, o Museu da Vila tem mobilizado diversos agentes da Comunidade para, de maneira colaborativa, ocupar, permitir o uso social do prédio, que estava há mais de sete anos sem uso social, e promover ações de Museologia e Inovação Social, de forma integral no território.

Nessa oportunidade, convidamos os alunos da escola, que residiam no Coqueiro, para que pudéssemos apresentar o Museu da Vila, os nossos projetos e convidá-los a participarem das ações. Foi uma roda de conversa em que abordamos o tema Museu. Realizamos esta atividade de mediação no Museu com o mestrando, arquiteto e urbanista e *design* gráfico, Victor Veríssimo Guimarães, que, à época, estava a elaborar o Projeto “*Branding* e desenvolvimento de identidade visual para uma instituição museal no Bairro Coqueiro da Praia - Luís Correia (PI).

É importante destacar que todas as ações no Mestrado são realizadas de maneira colaborativa; os mestrandos envolvidos no Projeto MUDE atuam sistematicamente, de maneira colaborativa e interdisciplinar. Nesse encontro, distribuimos questionários para que os alunos respondessem sobre si e sobre o que lhes interessava nas linguagens artísticas, para que pudéssemos fazer um levantamento de quem gostaria de participar nas ações, com base no interesse de cada pessoa.

NONO ENCONTRO

[Oficina-Mural Coletivo no Bairro Coqueiro.]

Após manifestação dos estudantes interessados da Escola, convidamos a Comunidade, por meio das redes sociais e pessoais; convidamos o maior número de pessoas, Comunidade e turistas, com os jovens do Grupo com o qual já havíamos iniciado o trabalho de pesquisa e já atuam como Grupo- Pesquisador. Assinale-se que foram grandes colaboradores do trabalho. Finalizamos nossas ações com uma Oficina e produção do Mural Coletivo, criado a partir do acolhimento sensível das memórias da Comunidade sobre seu patrimônio.

O trabalho foi mediado pelo artista convidado Arthur Doomer, com experiência em outras comunidades brasileiras. Com o intuito de registrar em um dos muros do Museu da Vila memórias da Comunidade, Doomer propôs um trabalho em rede, que pudesse reunir vários atores sociais, destacando a poética dos desenhos de cada um e suas singularidades.

O resultado final plástico foi o produto de diálogos, processos, memórias, como um mapa sensível do coletivo. Alguns desenhos prezam pela simplicidade dos traços, outros são mais elaborados; uns feitos por adultos, outros por crianças; uns feitos por quem já tem prática em desenhar, outros foram o primeiro desenho (Figura 18).

As junções de múltiplas formas de expressão deram ao mural um resultado estético expressivo e dialógico, importante para representar uma comunidade que traz a diversidade nas pessoas, modos de vida, transformações trazidas pela globalização e Turismo, memórias dos idosos, pontos de encontro e trocas entre gerações, identidades diversas.

A imersão para a criação do mural aconteceu em três dias. No total tivemos dezoito participantes, dentre eles estudantes, comunidade, turistas, artistas e convidados. O Museu da Vila esteve e está de portas abertas para quem deseja contribuir.

Iniciamos pela apresentação dos participantes; Doomer mediou a oficina, explicou passo a passo os procedimentos do trabalho; ou seja, que deviam pensar coletivamente o conteúdo e a estética do desenho ou desenhos do mural. A prática possibilitou que pudéssemos, independente do saber desenhar, contribuir. Após alguns desenhos feitos no papel, já podíamos pensar o que gostaríamos de representar na parede, no Mural Coletivo (Figura 19).



Figura 22 - Oficina Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

O próximo passo foi a construção coletiva do mural. Fomos imprimindo nossos desenhos um a um, encaixando-os, percebendo os espaços, os cheios e vazios, o desenho do outro, a linha, e quais eram os mais ou menos vazados, para que pudéssemos equilibrar o resultado. Fomos percebendo quais imagens já tínhamos, as que podíamos repetir, e quais faltavam para que pudéssemos ter registrado o maior número de informações sobre o território.

Algumas pessoas que passaram diante do mural olhavam e logo se aproximavam; pediam para contribuir, outras olhavam curiosamente. Durante os três dias, nos revezamos para concluir o trabalho-mural. Colaboramos uns com os outros, para fazer os traços finais, dialogar sobre Arte, traços, formas. Durante o diálogo, surgiram opiniões, ouvíamos uns os outros. O resultado pode ser traduzido na palavra: colaboração.

Olhamos o mural repleto de sentidos e significados, feito por um grupo que se reconhece; começa a construir a ideia de identidade, a ideia de si e do outro; passa a compreender que existem identidades fluidas, mutáveis, expressas na Arte, desenho, que intervieram no espaço sem medo (Figura 20).

Durante os dias da Oficina-Mural, convidamos os grupos de Hip-hop para dialogar conosco, falamos sobre arte urbana, trabalho em rede, questões que circundavam as nossas propostas. Recebemos a associação de *Hip-hop* da Planície Litorânea, para orientar o Grupo de Luís Correia em sua profissionalização como coletivo de *break* (Figura 21).

Na ocasião, os grupos receberam orientação da Coordenação do PPGAPM sobre como institucionalizar e dar uso social a edificações abandonadas, como ocorreu com o prédio que hoje é sede do PPGAPM, a Associação de Moradores e o Museu da Vila; acrescentando-se que igualmente poderia ocorrer com a Associação da Planície, na cidade de Parnaíba, com dezenas de edificações sem uso social; outras questões sobre a valorização da cultura urbana, suas práticas e quais caminhos possíveis também marcaram o encontro (Figura 22).

O encontro pôde costurar na rede, um diálogo do Grupo que atua como Grupo de Dança, tanto em Parnaíba quanto na Vila, e com outros jovens ali residentes, e também curiosos para compreender mais sobre a prática da dança, que, por se caracterizar uma manifestação urbana e de rua, chega às comunidades com práticas tradicionais, carregadas de preconceitos. O cruzamento das realidades, supostamente opostas, nesse caso, já faz parte de um pequeno Grupo



Figura 23 - Oficina-Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.



Figura 24 - Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.



Figura 25 - Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

de Jovens na região; contrapõe, intensifica e costura questões sobre ancestralidade, memórias e os movimentos da contemporaneidade.

Foram dias de muito aprendizado e o resultado superou nossas expectativas. Pudemos, junto com a Comunidade, deixar registrado, por meio de um processo colaborativo e criativo em Arte, um mural. Esperamos que se transforme em um patrimônio local, um mapa de percepção de si e do outro, um mapa que o turista ou qualquer visitante possa conhecer um pouco mais sobre o local, a partir do olhar daquelas pessoas; e principalmente, para todos os que participaram, que tenham sido tocados pelas questões que nortearam os encontros, de maneira sensível e transformadora (Figura 23).



Figura 26 - Encontro com a Associação do Movimento de Hip-hop da Planície Litorânea, Museu da Vila, out. 2018.1

Fonte: Marina Medeiros, 2018.



Figura 27 - Mural Coletivo, Museu da Vila, out. 2018.1

Fonte: Marina Medeiros, 2018.

DÉCIMO ENCONTRO

[Avaliação Oficina-Mural]

INVENÇÃO

*Inventei um menino levado da breca para me ver.
Ele tinha um gosto elevado para o chão.
De seu olhar vazava uma nobreza de árvore.
Tinha desapatite para obedecer
a arrumação das coisas.
Passarinhos botavam primavera nas suas palavras.
Morava em maneira de pedra na aba de um morro.
O amanhecer fazia glória em seu estar.
Trabalhava sem tréguas como os
pardais bicam as tardes.
Apreendeu a dialogar com as águas ainda que não
soubesse nem as letras que uma palavra tem.
Contudo que soletrasse rãs melhor que mim!
Era beato de sapos.
Falava coisinhas seráficas para os sapos como se
namorasse com eles.
De manhã pegava o regador e ia regar os peixes.
Achava arrulos antigos nas estradas abandonadas.
Havia um dom de traste atravessado nele.
Moscas botavam ovo no seu ornamento de trapo.
As graças pensavam que ele fosse árvore e faziam
sobre ele suas brancas bostas.
Ele não estava nem aí para os estercos brancos.
Porém o menino levado da breca ao fim me falou
que ele não fora inventado por esse cara poeta
porque fui eu que inventei ele.*

Manoel de Barros

Em nosso último encontro, com a proposta de fazermos uma avaliação sobre a oficina-mural, convidamos os participantes do Museu da Vila para mais uma atividade que envolveria processo de criação e poesia. Inicialmente recordamos a proposta inicial da oficina, qual seja, contribuir por meio da Arte pensar e nos apropriar da cultura do bairro, nossas memórias, desejos, inquietações e perspectivas. Falamos das memórias impressas no mural, na simplicidade dos desenhos quanto a sua forma e como o resultado apresentou um mapa afetivo da Vila-Bairro, a partir de seus patrimônios ali poetizados, cravados no mural.

Discutimos sobre o Coletivo, como, por exemplo, a ajuda com o outro que sentia dificuldade no desenho, mas que sabia sentir o desejo de imprimir ali um pedaço do seu lar-doce-lar, de seu lugar e de suas memórias. O desenho finalizado pelo companheirismo, pelo aprendizado, pela vontade de se expressar, provocados pelo desejo de ter sua participação no registro das importâncias afetivas da Comunidade.

Levei, nesse último encontro, algumas poemas do poeta mato-grossense Manoel de Barros. Obras que o poeta remete à sua infância “Memórias inventadas: a infância”. Que nelas estão impressas de forma sublime as memórias de uma infância cercada pelo desejo de poetizar o mundo. Lemos, sentimos as memórias inventadas, falamos sobre o que nos chamou a atenção, e discutimos sobre os pontos mais interessantes dos versos escritos por Manoel.

Cada participante escolheu um poema, e, nele, destacaram tudo aquilo com que se identificavam; então puderam representar o que os tocou em imagens através de processos criativos. Para tanto, foram utilizadas as técnicas de aquarela e/ou giz de cera derretido. O resultado foram desenhos carregados de poesia e memórias de cada um.

O regador de peixes, pintura feita por um dos participantes, nos chamou bastante a atenção, pois tornou-se uma metáfora potente quanto à imagem da pesca e tudo o que ela traz de importante para as questões sobre os patrimônios na Vila-Bairro. Regar o peixe é sinônimo de regar as memórias, o lugar, as pessoas, os percursos vividos pela Comunidade, em toda a sua complexidade. O ato de regar, de manter viva a pesca, traz consigo a vontade de preservar, de conservar e expressar a importância da Comunidade de pescadores. É a grande referência cultural desses jovens (Figura 24).

Os participantes escreveram sobre a experiência que vivenciaram na construção coletiva do mural, os aprendizados adquiridos, críticas e sugestões.

Os participantes se expressaram:

Gostei de participar do mural porque a gente usou nossa criatividade para desenhar uma coisa que a gente mais gosta no Coqueiro (Mykele, 13 anos).

No dia do mural foi muito bom porque eu pintei um peixe, sereia, e isso faz parte do Coqueiro, foi muito bom (Thalyson, 12 anos).





Figura 28 - Produção Avaliação Mural Coletivo. Mykele Galeno, 2018.

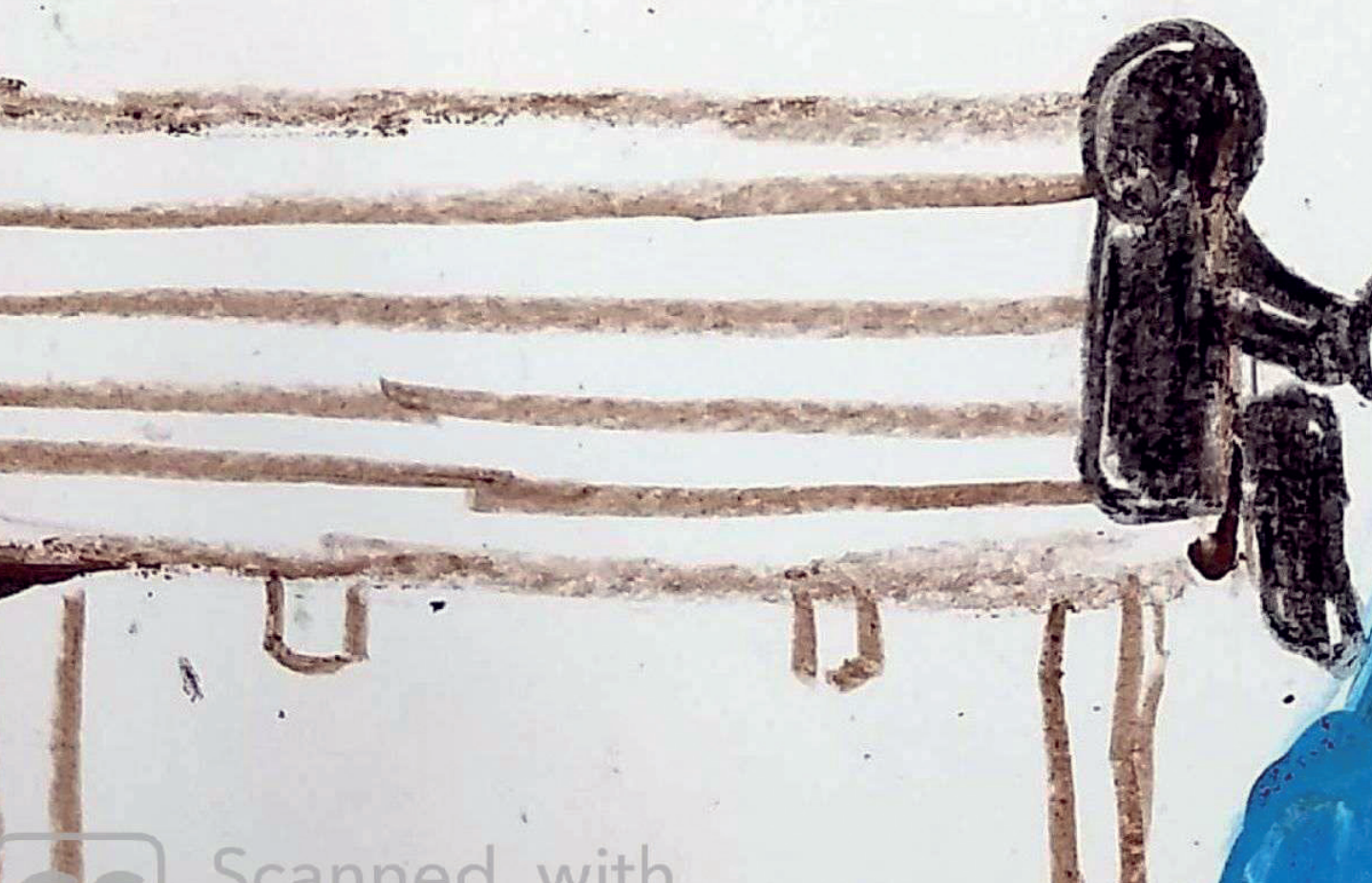




Figura 29 - Regando os peixes. Técnica Ciz de Cera derretido, Museu da Vila, nov. Clayton Amaral, 2018.

Fonte: Marina Medeiros, 2018.

Os depoimentos nos confirmam a importância da atividade para a valorização da identidade, do patrimônio da Comunidade. A arte possibilita diálogos transversais e múltiplos, proporciona o experimentar processos de criação, oferece oportunidade para produzir encantamentos e aprendizados.

De início pensamos em possíveis riscos ao trabalharmos com esta natureza de pesquisa, fruto das marcas de um território no qual as pessoas têm diariamente as suas formas de ser, viver e sentir-se invadidos por influências externas – é uma Vila-Bairro com grande fluxo turístico e com muitos problemas educativos, sociais, econômicos e ambientais. A luta pela sobrevivência, vulnerabilidade social, subemprego, fragiliza as relações de família e estudo, o que, por vezes, impede um envolvimento contínuo, sistemático e ativo nas atividades do Museu da Vila.

O distanciamento, o envolvimento com outras questões e afazeres impedem o entregar-se ao trabalho lúdico e criativo, mesmo que seja em um grupo pequeno. Sabemos que a trajetória atravessada pela Arte exige envolvimento, dedicação e comprometimento.

Durante o percurso, nos deparamos com imprevistos, ausências, distanciamentos, mas acreditamos que trabalhar com as pessoas é estarmos dispostos a entender esses movimentos, perceber que cada membro da Comunidade tem a sua participação e que é preciso estarmos atentos à importância de suas contribuições.

Tivemos dificuldades com processos criativos, pelo bloqueio que normalmente sofremos pelas críticas e julgamentos, foram problemas enfrentados. Libertarmo-nos do olhar do outro, propusemos novos olhares em uma Comunidade que ainda tem sua percepção frágil e engessada sobre o corpo, arte, religião, cultura e sociedade; que foi e é lugar de conflito para crianças, jovens, adultos e velhos, para as diversas gerações. Acreditamos que essas questões delicadas vieram à tona no movimento dos processos criativos. Estamos felizes!

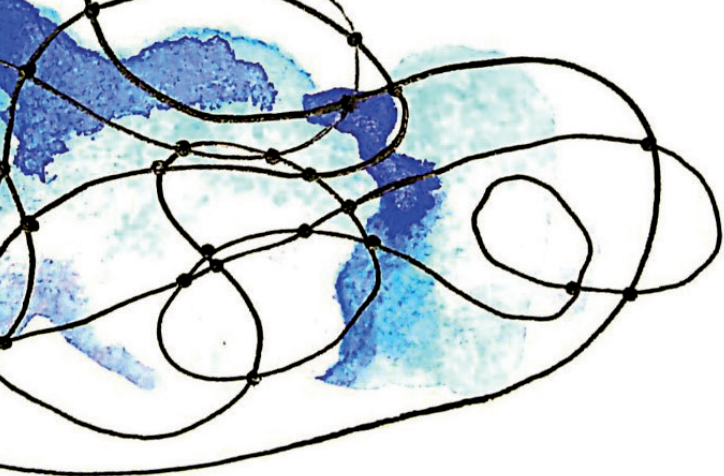


Figura 30 - Avaliação oficina-mural, Museu da Vila, out. 2018. | Fonte: Marina Medeiros, 2018.

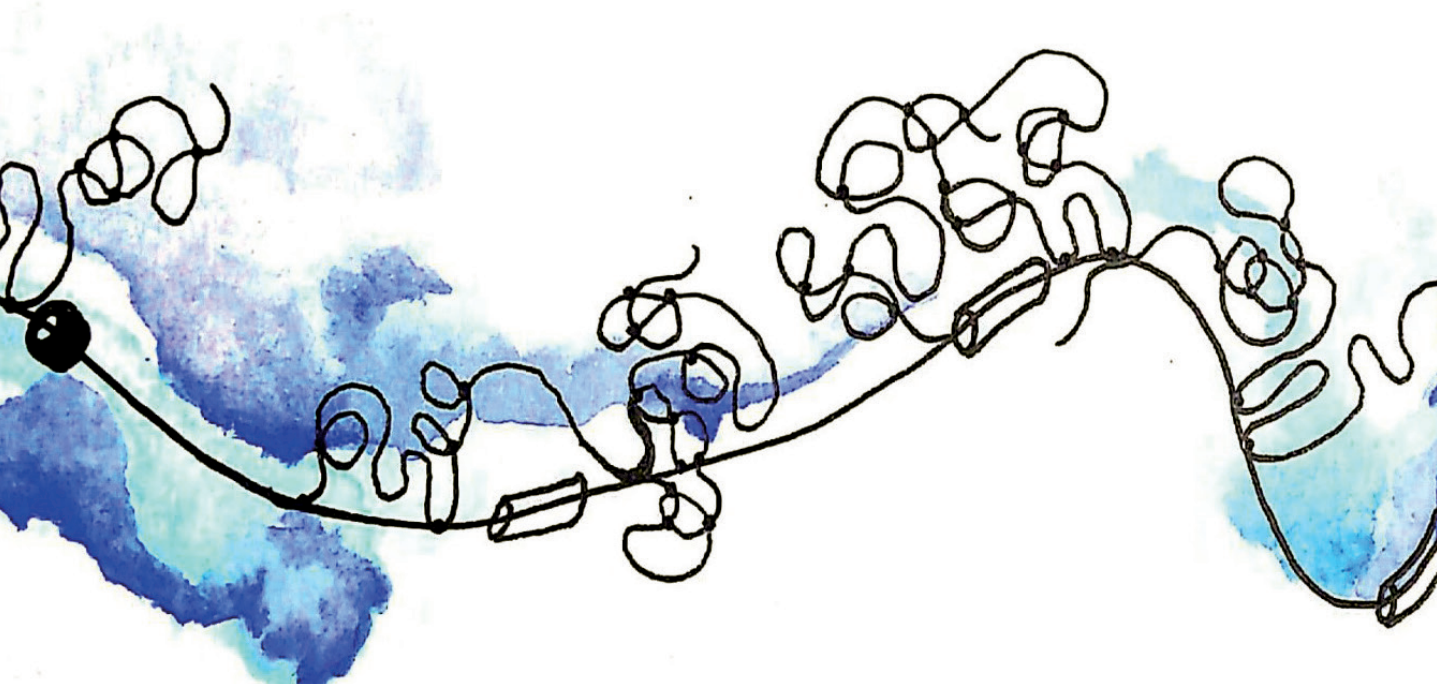




Figura 31 - Produção avaliação Mural Coletivo. Thalysen Aragão, 2018.



9. A poesia das falas: a escuta e a interpretação dos dados



Após a realização dos encontros com o Grupo-Pesquisador e os participantes da intervenção do mural, na avaliação do Projeto, fizemos uma breve análise das falas percebidas durante todo o trajeto. Gravamos e registramos o que foi produzido na Oficina de Sociopoética, para que pudéssemos utilizar como material para a análise mais detalhada do grupo. Percebemos a escuta de maneira subjetiva, porém, revelando quatro confetos produzidos pelo Grupo-Pesquisador que, para nós, são provas de que estávamos trabalhando sobre um território que precisa ser revelado e cuidado com mais afeto e responsabilidade.

Pudemos entender que “a prática da Sociopoética permite elucidar problemas que fazem parte da experiência vivida ou implícita/herdada no inconsciente coletivo de um povo/grupo/categoria” (ADAD, PETIT, 2018, p. 137).

Os jovens, quando sensibilizados pela arte, revelam sentidos profundos no que se refere às questões lançadas; e despertam para a potência que eles possuem em transformar a realidade a partir daquilo que almejam. Iniciaremos com os relatos sobre o que motivou cada um dos quatro jovens do Grupo-Pesquisador a participar do Projeto. Esses relatos estão registrados nas fichas do Cosmonário preenchidas por eles, descritos a seguir:

Novas experiências, conhecimentos, amigos novos. Prazeres de forma que me ajudam a relaxar. O que me fez estar aqui é a disponibilidade de tempo que eu tenho (Antônio Filho, relato 01).

O primeiro momento já foi apaixonante ouvir como seria mais ou menos o projeto, de que a partir dele, poderíamos gritar ao mundo nosso desejo de que o nosso lar fosse visto de outra forma. De que nós fôssemos ouvidos, que começássemos a mudança no nosso bairro. Mudanças essas que são: a forma como o jovem é visto, o descaso com a limpeza da praia e os vários lugares lindos esquecidos. E o melhor de tudo é que através do projeto nós podemos usar a arte para mostrar que, por meio dela, tudo pode mudar (Leticia Aguiar, relato 02).

Conhecer a minha arte, compartilhar minha arte, divulgar arte. Conhecer meu corpo. Ter novas experiências e um dos principais motivos que me levou a participar desse projeto foi conhecer a arte de meu bairro e trazer a arte para esse lugar (Francisco Nascimento, relato 03).

A necessidade da descoberta de uma identidade para o bairro a partir da arte e cultura já existente mais ainda pouco explorada (Omael, relato 04).

O motivo que leva à participação já nos revela a necessidade de consumir arte no bairro, que, segundo eles, está vazio de expressões. Quando os encontros foram acontecendo, percebemos que o maior desafio era que eles pudessem perceber que o processo de criação poderia ser construído pelas questões que circundavam suas vidas e que existe uma diversidade de materiais, suportes, possibilidades de produzir arte. Não tivemos o tempo suficiente para experimentar uma diversidade de suportes e técnicas, mas pudemos aproveitar o que já pulsava entre eles, para os processos de criação que resultou na intervenção do mural.

Quando nos propusemos analisar as falas do Grupo, pudemos observar que elas geravam o que Deleuze e Guatarri conceituam de agenciamentos coletivos de enunciação, que “são compostos de múltiplas falas e discursos possíveis que produzem subjetividade – essa não é individual, e sim coletiva, conectando signos diversos” (GAUTHIER, 2004, p. 129). Percebendo esses enunciados em suas falas, identificamos os confetos sobre o Patrimônio, que são metáforas criadas sobre o que nos foi revelado.

Diante da nossa reflexão, ponderamos que a Sociopoética com sua proposta de tornar os co-pesquisadores de suas pesquisas filósofos, percorre itinerários de invenção e adquire propriedades criadoras, pois ao filosofar, criando confetos, os membros do grupo-pesquisador traçam planos repletos de afetos advindos de conceitos desterritorializados e de confetos criados em sua consistência (ADAD; PETIT, 2018, p. 155).

A primeira é sobre o Patrimônio Reconhecido, que gerou um confeto que chamamos de Mar-Doce-Lar, observemos as falas:

Patrimônio Mar-Doce-Lar é o patrimônio que quer respeito para com o lugar, com a praia que é de todos do Coqueiro (Relato Leticia, Oficina de Sociopoética, 2018).

Imaginei minha praia, desenhei essa praia, uma imagem minha, para vocês verem, o planeta é o corpo e o mar é uma das coisas que preenchem o planeta, assim como nosso corpo temos várias formas de nos preencher. Isso tudo é arte, símbolo representativo: a lua, a estrela e o sol, representa o universo, fiz essas imagens (Relato Francisco, Oficina de Sociopoética, 2018).

É abrir os nossos olhos, abrir os olhos da galera que tem muito mais, o coqueiro oferece muito mais. E é falando nisso de universo, não é? Às vezes eu me limito muito no coqueiro, meu universo é como se fosse o Coqueiro, eu acho isso bom, acho isso bacana porque é um lugar que me deixa bem, me deixa feliz, me deixa confortável. É um lugar que me traz esse conforto (Relato Omael, Oficina de Sociopoética, 2018).

○ segundo confeto chamaremos de Patrimônio Problema.

○ Problema do Patrimônio Mar-Doce-Lar é que o corpo e a voz de jovens, idosos, crianças e adultos são as ferramentas mas não são suficientes para resolver o que passamos juntos no nosso bairro, na nossa comunidade, em relação aos nossos problemas e as poucas formas de soluções [...] O problema é a forma como somos vistos e escutados, como somos interpretados me deixa muito cheia, cheia de tristeza, cheia de raiva, porque a nossa forma de viver não é o que dizem ou que eles acham, somos sim pobres, filhos de pescadores, de cozinheiros e garçons, mas temos a inteligência e o amor para querermos sair de nosso quadrado [...] não somos pobrezinhos tadinhos e os bichinhos (Relato Leticia, oficina de Sociopoética, 2018).

Problema cheio-vazio é aquilo que nos deixa cheio e nos deixa vazio que é nós precisamos do turismo, ele nos sustenta, mas temos outras formas de viver. Nossa vida não se resume só a praia, só as temporadas (....) O turismo consome, vão para a praia e quando saem do nosso bairro deixam todo o lixo deles. Eles têm uma visão totalmente diferente, muitos deles veem as moças jovens com um objeto que eles podem usar, fazer alguma coisa. Veem os meninos como outro tipo de objeto, chegam, oferecem certas coisas. Tem os que aceitam, mas tem aqueles que dizem não, não é isso que eu quero. E eu penso assim: que aqueles jovens que aceitam e vivem isso é porque eles não têm a maturidade (Relato Leticia, Oficina de Sociopoética, 2018).

○ lugar está neutro de cultura, está fora, está fora da extensão da cultura, o lugar está parado. E é isso, o povo não consegue ver (Relato Francisco, Oficina de Sociopoética, 2018).

○ que falta no coqueiro é ele encher [...] O coqueiro e a gente, estamos vazios de muitas coisas. E o principal que eu acho realmente é a cultura. Uma educação cultural, sabe? (Relato Omael, Oficina de Sociopoética, 2018).

O terceiro chamaremos de Patrimônio Resistência, lemos a seguir:

É o saber de um mundo totalmente diferente do que eles, vindos do turismo, veem. O que faz me sentir cheia é saber que nos, que nos como um só podemos mudar a realidade de nosso lar, do nosso lugar, saber que cada dia, a cada nascer do sol, temos uma nova oportunidade, de fazer algo melhor e fazer a diferença para nosso futuro e o futuro de nossos filhos, futuro de todos, e principalmente e o que mais importa sobre fazer a diferença, é nós não só pensar no eu, mas sim em nós. O que nos move é que o nosso meio, é o nosso meio é meu centro é a cidadania porque é o dever de todos ser cidadão, a vida é feita de escolhas e as escolhas são sempre feita por nós, foi o que eu senti (Relato Leticia, Oficina de Sociopoética, 2018).

Não é que as pessoas não têm cultura, que o coqueiro não tem cultura. As pessoas têm muita cultura, eu tenho certeza que tem muito para oferecer. Eu acho que o que falta é isso, é realmente o pontapé. É falar: não cara, vamos deixar de vergonha, vamos deixar disso, se é para dançar a gente dança, se é para o que for preciso fazer, a gente faz. Mas eu acho que as pessoas têm muito a oferecer, eu acho que só falta isso, desinibir um pouco (Relato Omael, Oficina de Sociopoética, 2018).

O quarto e último é Patrimônio Mudança, o qual o denominaremos de A-AMARELO MUDANÇA, a seguir:

A-AMARELO. Por causa de um amarelo o sol voltou a brilhar, o amor voltou, o mundo tinha outra cor [...] Pequenas atitudes causam literalmente a mudança. E dançar eu não sabia, eu tive que aprender mesmo no duro, muito difícil, mas isso prova que as pessoas conseguem fazer qualquer coisa, e a gente como coletivo de arte, com esforço, a gente vai conseguir fazer a diferença, seja com a arte ou com o lápis, a gente vai trazer essa mensagem, essa ideia vai ser passada (Relato A. Filha, Oficina de Sociopoética, 2018).

Eu nunca me vi vivenciando a arte, principalmente dessa forma que a gente estar vivendo, eu pensava assim em um futuro melhor pra o Coqueiro, mas de outras formas, não através da arte. Hoje umas das coisas que mais me deixam feliz é saber que a arte proporciona essa mudança, sabe essa mudança que não é uma mudança pessoal, é uma mudança como um todo. É uma mudança sobre o nosso bairro, é uma mudança que eu sei que se começar no nosso bairro, pode ir para nossa cidade e porque

não ir pro mundo? A arte nos proporciona isso, ela nos dá uma forma de ver o mundo totalmente diferente e eu fico muito feliz de poder sentir isso, de saber que eu posso usar o meu corpo para transmitir isso para outras pessoas, e eu sei que através da arte a gente pode e a gente vai mudar o Coqueiro (Relato Leticia, Oficina de Sociopoética, 2018).

Temos que ser criativo com o lugar, que são neutros, que precisam de arte, precisam de luz, precisam de vida. E a gente vai fazer isso do jeito que a gente sabe fazer, que é a arte urbana. A gente vai representar lugares neutros, lugares não vistos pela sociedade, fazendo nossa arte. Que é a dança, representa a arte com o corpo, do jeito que a gente sabe fazer [...] A arte pode dar vida aquele lugar neutro, a arte pode dar vida ao nosso patrimônio, que é o nosso bairro (Relato Francisco, Oficina de Sociopoética, 2018).

A gente, a partir da arte, que é o que a gente mais sabe fazer, o que a gente mais gosta, a gente está procurando encher o coqueiro de cultura, encher o coqueiro de arte. Fazer do Coqueiro, O Coqueiro, sabe? Fazer dele mais do que um ponto de turismo, fazer dele realmente um local de comunidade, um local de convívio, que uma vez eu estava lendo uma frase assim: o homem ele não existe, ele coexiste (Relato Omael, Oficina de Sociopoética, 2018).

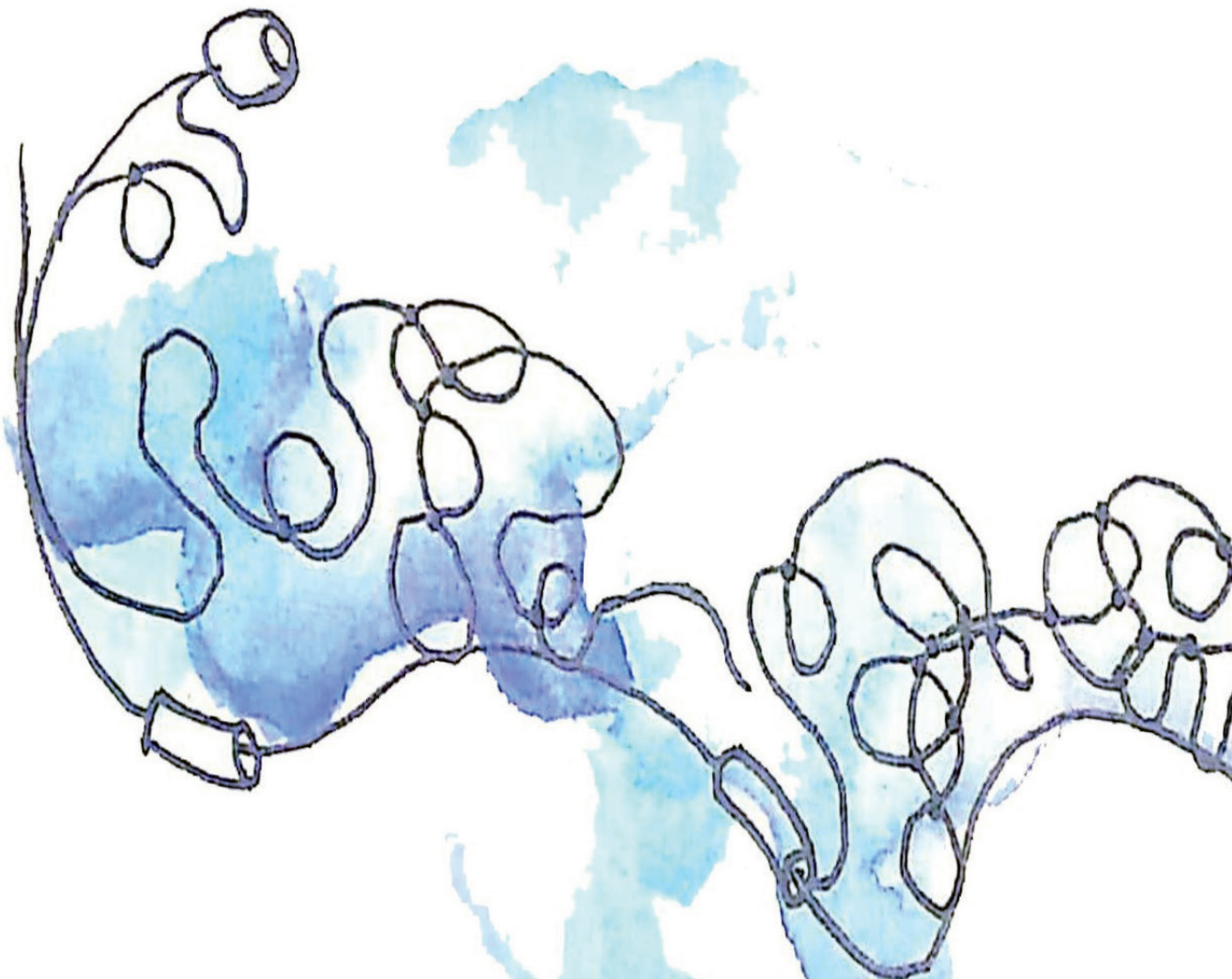
Utilizaremos esses confetos como metáfora sobre o “Patrimônio”, porque compreendemos que o Patrimônio é o grande cerne das questões que envolvem as falas do grupo, tendo em vista que concordamos com Jacques Gauthier quando ele nos diz que as metáforas:

Possuem um status ambiguo na linguagem, que tronam fáceis de serem vistas as ligações entre agenciamentos, as desterritorializações dos significados, as traduções de um regime de signo para um outro e a combinação desses regimes (GAUTHIER, 2004, p.131).

Observamos nas falas do Grupo-Pesquisador a necessidade de mudança e conscientização da Comunidade, principalmente, para que as problemáticas sejam amenizadas. Acreditamos que, com as ações através da Arte e da Museologia, podemos fortalecer essas redes de emancipação; estamos a cada dia costurando mais certezas que nossas escolhas estão sendo construídas de maneira coletiva e transformando realidades.



10. O que podemos concluir?



*A linha reta não sonha
Manoel de Barros*

A caminhada da pesquisa é uma oportunidade de se reinventar no mundo, compreender que a desconstrução faz parte, e possivelmente constitui o maior aprendizado para o pesquisador. Quando a gente chega ao ponto de partida, os anseios e sonhos são imensos; definimos os caminhos que iremos traçar e, de alguma forma, supomos o que irá acontecer. Porém, no percurso, tudo deixa de ser definido e passa a ser uma descoberta, que, ao tempo em que é grandiosa, pela possibilidade de alcançar o além, é também assustadora, quando descobrimos que seremos ainda sujeitos de mudanças e incertezas.

Perceber o outro é desconstruir a si próprio, sair do que nos conforta para estar sensível à realidade daqueles que nos dispomos a ouvir, auxiliar e, de alguma forma, transformar. A Pesquisa-Ação, como metodologia, nos incita a transformar realidades, a fazer parte do outro, para que possamos, de alguma maneira, reconstruir juntos e chegar àquilo que almejamos diante das realidades percebidas. No nosso caso, ao trazer a Sociopoética para a costura dessa grande rede de interações humanas, potencializamos a vontade de desconstruir para transformar. Quando temos a oportunidade de ouvir, falar e sentir aquilo que está para além do óbvio, envolvemos o corpo todo no processo, e, com o outro, podemos sentir o que diz a poesia do poema feito por Shara Adad e Sandra Petit (2018), nas experiências com a Sociopoética:

SOCIOPOÉTICA

Arquitetura conceitual

Foge do pensamento único

Prolifera a multiplicidade

Torna singularidades possíveis

Desterritorializa conceitos

Afetos e razão

Produzem confetos

Tornam co-pesquisadores filósofos

Transveem e desformam

a ordem natural das coisas

Avessos e transversalidades do mundo.

Como pesquisadora, a Sociopoética foi uma oportunidade de trazer à pesquisa as questões de dentro da Comunidade, pelas vozes daqueles que guardam em seus dias o que os incomoda, o que os inspira. Potencializados pela Arte, a pesquisa realizada com o Grupo-Pesquisador e a

Comunidade Estudantil fez despertar o corpo que grita, que transborda, que sente os cheios e os vazios das marés em seu meio; trazendo à tona questões que precisam ser discutidas entre os próprios atores sociais daquele território, como, por exemplo, que eles precisam se emancipar, tomar a frente das questões sobre a cultura local, os cuidados com a juventude, com os lugares patrimônio, com as memórias. E que a arte pode sim ser uma ferramenta para essas transformações, como dispositivo de reivindicação, por meio da expressão livre da juventude que não se pode calar.

As formas de expressão podem ser a chave para a conscientização das identidades no território. Um lugar que está escasso de produções artísticas, silenciado pelo dia a dia, por causa das necessidades de suprir o Turismo e sua avalanche de problemáticas sociais que traz à comunidade. Os jovens envolvidos no Projeto Inventar puderam trazer à pesquisa, através dos processos de criação, a importância do lugar como resistência, e que eles, como juventude, como possíveis coletivos de artistas, como estudantes, são as vozes e a força necessárias para a proteção dos patrimônios e da Comunidade em geral.

Convém afirmar que suas gerações estão no cerne das transformações que regem a globalização; o estar entre o passado e o futuro é a condição de cada jovem no bairro, e isso ficou claro na pesquisa; as transformações vigentes da juventude e suas relações com as memórias e os patrimônios, o estar entre o urbano, o futuro e a vila, o passado.

Devemos considerar, desta maneira, que os tempos são outros, que os valores, os lugares, as formas de comunicação de trabalho e estudo já não são as mesmas de quando a Vila-Bairro surgiu, assim como ocorre em todos os lugares. Perceber o lugar desses jovens e como lidar com suas relações naquele espaço foi o nosso grande desafio. Por isso, suas falas, que geraram confetos significativos, nos dizem tanto a respeito do lugar e nos estimulam a pensar mais a respeito das questões.

Portanto, como a Museologia pode lidar com as transformações reais dessa juventude e suas relações com as memórias locais? O crescimento do Turismo não poderia ser também uma oportunidade de troca sadia para ambos os lados se o respeito à Comunidade, à valorização e cuidado sobre o patrimônio fosse instituído a todos os visitantes e moradores locais? A Arte pode ser um instrumento de emancipação nas escolas da Vila-Bairro, para a conscientização precoce de todas essas problemáticas? São questões que nos fazem continuar a articular propostas

na região. O PPCAPM percorre a cada ano caminhos de construções e desconstruções, para adentrar por todo o espaço do território e se inovar a cada oportunidade percebida.

A meu ver, nosso caminho, dentro das ações do MUDE, por meio do Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, vem contribuindo significativamente para a conscientização e transformações ocorridas na Vila-Bairro; trata-se de um aprendizado de mão dupla, em que o diálogo é a base para a escuta do outro, o olhar atento ao outro para que não caiamos na intervenção vertical, mas sim na construção conjunta e horizontal de possibilidades para a melhoria do lugar, para a produção de afetos com as pessoas, para a preservação sensível das memórias, através das falas daqueles que as detêm e para a convivência harmônica de duas realidades que se aproximam para somar e transformar juntas!



Referências

ADAD, Shara Jane C. PETIT, Sandra H. Ideias sobre confetos e o diferencial da Sociopoética. **Entrelugares**: tecidos sociopoéticos em revista. Shara Jane Costa Adad; Hercilene Maria e Silva Costa (Org.). Fortaleza: EdUECE, 2018.

ALVES, Fátima. MOURA, Cássia. PINHEIRO, Áurea. **Museus comunitários, museus *Sans Murs***: um projeto participativo de promoção da sustentabilidade, da cidadania e dos saberes locais. Grupo de Pesquisa/CNPQ, memória, ensino e patrimônio cultural, 2011.

ANJOS, Moacir dos. **Local/Global**: arte em trânsito. Moacir dos Anjos. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BEZERRA, André; VASCONCELOS, Ana (Org.). **Mapeamento de residências artísticas no Brasil**. Brasília: FUNARTE, 2014.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

BRANDÃO, Carlos R; STRECK, Danilo R. (Org.). **A pesquisa Participante**: a partilha do saber, 2012.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, 2012.

CAVALCANTI, Clovis. Sustentabilidade: mantra ou escolha moral? Uma abordagem ecológico-econômica. **Estudos avançados**, 2012, vol. 26, n. 74, p. 35-50.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

FLORÊNCIO, Sônia Rampim. **Educação patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Brasília: Iphan, 2014.

_____, Sônia Rampim. **Educação patrimonial**: inventários participativos. Brasília: Iphan, 2016.

GAUTHIER, Jacques. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da Sociopoética. **Revista Brasileira em Educação**, n. 25, 2004.

_____. **A Sociopoética**: fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa. Rio de Janeiro: UEPJ/DEPEXT/NAPE, 1996.

_____. A Sociopoética e formação do pesquisador integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, vol. 4, n. 1, 2015.

_____. **Sociopoética**: O livro do iniciante e do orientador. 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, Pedro Pereira. **Museologia e Inovação Social**. Pedro Pereira Leite. Centro de Estudos Sociais. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014.

MAIRESSE, François. **Museu inclusivo e a Museologia mundializada**. ICOFAM LAM, 2012.

MARTINS, L. Gabriela. **A cidade reinventada**: webdocumentário sobre coletivos paulistanos e o direito à cidade. São Paulo, 2013.

MENDES, L. Manifesto anti-gentrificação redux, **Revista do Niep – Marx e Marxismo**, vol. 5, n. 9, p. 3322-337, 2017.

MESQUITA, L. André. **Insurgências poéticas**: arte ativista e ação coletiva. São Paulo, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História** e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, SP - Brasil, 1981.

PAES, M. T. D. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. **Geosp – Espaço e Tempo** (on-line), v. 21, n. 3, p. 667-684, dez. 2017. ISSN2179-0892.

PINHEIRO, Áurea da Paz; CARVALHO, Rita de Cassia M. Rede de Museus de território na área de proteção ambiental Delta do Parnaíba. **Revista Iberoamericana de turismo- RITUR**, Penedo, v.

8, Dossiê n. 4, p. 204-217, set. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>. Acesso em: 27 set. 2018.

SALES, Celecina de Maria Veras Sales. Juventudes e lazer: interações e movimento. Maria do Carmo Alves do Bomfim, Shara Jane Costa Adad, Adriana Loiola do Nascimento (Org.). **Juventudes, cultura de paz e subjetividades**. Teresina: EDUFPI, 2014.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.**, Belém, v. 7, n. 1, p.15-30, jan./abr. 2012.

SOARES, Bruno César Brulon. **Máscaras guardadas**: musealização e descolonização / 2012.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Hugues de Varine; Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. 1. reimp. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VARINE, Hugues de. Entrevista concedida em 2013. Hugues de Varine 2012 © Ana Carvalho. 19 de abril de 2013. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova. Lisboa. Disponível em: <<https://nomundodosmuseus.hypotheses.org/5585>>.

FONTES:

Sites consultados

DISPONÍVEL EM: IBGE, <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/luis-correia.html?>

DISPONÍVEL EM: IPHAN, <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/899>

DISPONÍVEL EM: ITD, Instituto Tartarugas do Delta, <https://www.institutotartarugasdodelta.org>.

DISPONÍVEL EM: ICMBIO, Instituto Chico Mendes de conservação da Biodiversidade, <http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/9411-area-de-protecao-ambiental-delta-do-parnaiba>



Apêndices

COSMONÁRIO DE MEMÓRIAS INVENTADAS DE SI NO COQUEIRO

Nome: _____	
Se eu fosse um heterônimo, seria: _____	
Email: _____	
Telefone(s): _____	
Endereço: _____	
Idade: _____	Raça/cor: _____
Sexo: 1. Feminino 2. Masculino	
Município/Estado de nascimento: _____	
Estado civil: _____	Tem filho (s)? 1. Sim 2. Não
Trabalha? 1. Sim 2. Não	
Tem irmã(os)? 1. Sim 2. Não	Quantos? _____
Atualmente mora com: _____	

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Exponha nas linhas abaixo, o (os) motivo (s) que levou ou levaram você a participar desse projeto.

COSMONÁRIO DE MEMÓRIAS INVENTADAS DE SI NO COQUEIRO

1 – Se você não fosse seu nome, qual nome seria?

2 – Se você não morasse no coqueiro, em que lugar você moraria?

3 – Se você não tivesse a sua idade, que idade você teria?

4 – Se você fosse o mar do coqueiro, você seria?

A) frio

B) morno

- C) quente
- D) calmo
- E) agitado
- F) outras opções: _____

5 - Se você fosse o vento do coqueiro, você seria:

- A) forte
- B) leve
- C) barulhento
- D) silencioso
- E) frio
- F) quente
- G) outras opções: _____

6 - Se você fosse o clima do coqueiro, você seria:

- A) chuvoso
- B) frio
- C) quente
- D) ventilado
- E) seco
- F) outras opções: _____

7- Se você fosse uma planta no coqueiro, você seria:

- A) uma árvore
- B) um arbusto
- C) uma palmeira
- D) um matinho
- E) uma casuarinas
- F) Outro/a, Qual? _____

8 - Se você fosse uma casa no coqueiro, você seria:

- A) uma mansão
- B) um casa pequena
- C) uma casa gradeada
- D) uma casa em construção
- E) Outro/a, Qual? _____

9- Se você fosse um lugar no coqueiro, você seria:

- A) uma praça
- B) um campo
- C) uma rua
- D) uma calçada
- E) a praia
- F) outras opções: _____

10 - Se você fosse o coqueiro, você seria:

- A) populoso
- B) vazio
- C) violento
- D) animado
- E) independente
- F) Outro/a, Qual? _____

11 - Se você estivesse no céu do coqueiro, você seria:

- A) um helicóptero
- B) uma nuvem
- C) um urubu
- D) um satélite
- E) uma nave espacial
- F) Outro/a, Qual? _____

12 - Se você fosse uma comida do coqueiro, você seria:

- A) Uma peixada
- B) Uma cocada
- C) Uma caranguejada
- D) Um ensopado de arraia
- E) Um cuscuz
- F) Outras opções: _____

13- Se você tivesse mais de 70 anos no coqueiro, você seria:

- A) velho
- B) maduro
- C) caquético
- D) doente
- E) feliz

14- Se você fosse um objeto no coqueiro, você seria:

- A) uma rede de pesca
- B) bola de futebol
- C) uma âncora
- D) um livro
- E) prancha de surf
- F) Outras opções: _____

15 - Se você fosse uma criança no coqueiro, você seria:

- A) brincalhona
- B) silenciosa
- C) cantora/o
- D) dançarina/o

- E) estudiosa/o
- F) Outro/a, Qual? _____

16 - Se você morasse no coqueiro, você seria:

- A) bandido
- B) pastor
- C) artista
- D) comerciante
- E) de bem com a vida
- F) Outro/a, Qual? _____

17 - Se eu tivesse que salvar 1 dos 5 itens, qual seria:

- A) uma TV de plasma
- B) o passaporte
- C) um envelope com dinheiro
- D) uma foto de família
- E) um caderno de anotações importantes
- F) Outro/a, Qual? _____

18 - Se eu tivesse que atravessar o meu corpo com uma substância, esta seria:

- A) uma comida gostosa
- B) fumaça de cigarro
- C) remédio pra dor
- D) café forte
- E) água gelada
- F) Outro/a, Qual? _____

19 - Se você fosse um animal de estimação você seria:

- A) valente
- B) teimoso
- C) exuberante
- D) companheiro
- E) independente
- F) Outro/a, Qual? _____

20 - Se você fosse um pescador no coqueiro, você seria:

- A) precavido
- B) corajoso
- C) esperto
- D) desconfiado
- E) gentil
- F) Outro/a, Qual? _____

21 - Se você fosse um cachorro no coqueiro, você seria:

- A) manso
- B) distraído
- C) valente
- D) companheiro
- E) caçador
- F) Outro/a, Qual? _____

22- Se você fosse o móvel de uma casa, você seria:

- A) Geladeira
- B) televisão
- C) cama
- D) mesa
- E) cadeira
- F) Outro/a, Qual? _____

23 - Se você fosse um grupo de objetos, você seria:

- A) denso
- B) sofisticado
- C) sujo
- D) macio
- E) caro
- F) Outro/a, Qual? _____

24 - Se você fosse dinheiro, você seria:

- A) muito
- B) limpo
- C) controlado
- D) solto
- E) investido
- F) Outro/a, Qual? _____

25 - Se você fosse artista, você seria:

- A) espontâneo
- B) interessante
- C) genioso
- D) engraçado
- E) deprimido
- F) Outro/a, Qual? _____

26 - Se você fosse um espetáculo, você seria:

- A) uma comédia
- B) uma peça intelectual
- C) uma instalação coreográfica
- D) um espetáculo político

- E) um espetáculo comercial
- F) Outro/a, Qual? _____

27 - Se você fosse uma peça de roupa, você seria:

- A) saia
- B) paletó
- C) c) sapato
- D) chapéu
- E) manto
- F) Outro/a, Qual? _____

28 - Se você fosse uma música, você seria:

- A) forró
- B) MPB
- C) tango
- D) funk
- E) canção de amor
- F) Outro/a, Qual? _____

29 - Se você fosse brasileiro, você seria:

- A) desenvolvido
- B) exótico
- C) esperto
- D) assustado
- E) sedutor
- F) Outro/a, Qual? _____

30 - Se você fosse uma parte do corpo, você seria:

- A) a cabeça
- B) o coração
- C) o umbigo
- D) a mão
- E) os pés
- F) Outro/a, Qual? _____

31. Se eu fosse uma figura geométrica, seria:

- A) um círculo virtuoso
- B) uma besta quadrada
- C) um triângulo amoroso
- D) um olhar por outro prisma
- F) um fractal de possibilidades
- G) outras opções: _____

32. Se eu fosse uma comunidade, seria:

- a) uma invasão
- b) um assentamento rural
- c) um remanescente dos quilombos
- d) um conjunto habitacional
- e) um lugar antiquado
- f) uma vila de pescadores
- e) outra: _____

33 - Se você fosse um saber fazer no coqueiro, você seria:

- A) Cozinheira/o
- B) Pescadora/o
- C) Artesã/o
- D) Comerciante
- E) Pedreiro
- F) Macineiro
- G) Rezadeira
- H) Outras opções: _____

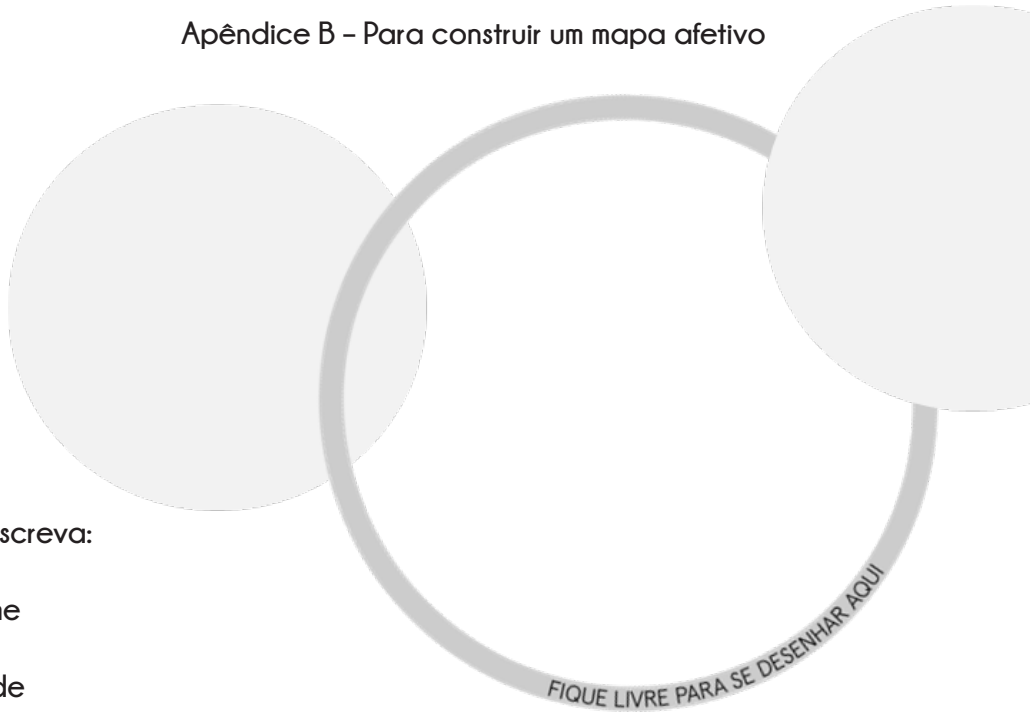
34 - Se você fosse uma forma de expressão no coqueiro, você seria:

- A) Uma dança
- B) Um tapete trançado
- C) Uma música
- D) Uma imagem fotografada
- E) Um muro grafitado
- F) Um desenho
- G) Outras opções: _____

35 - Se você fosse uma celebração no coqueiro, você seria:

- A) Um festejo
- B) Uma missa
- C) Um show
- D) Um encontro de amigos
- E) Uma exposição de arte
- F) Um jogo de futebol
- G) Uma roda de capoeira
- H) Outras opções

Apêndice B – Para construir um mapa afetivo



Olá ! Escreva:

Seu Nome

Sua Idade

Este é nosso primeiro contato e uma de suas primeiras contribuições ao **MUSEU DA VILA, um equipamento cultural do bairro Coqueiro.** Contamos com a sua colaboração! Responda da maneira confortável e sincera. Os espaços são limitados, use todos os cantos deste papel para suas respostas, caso você queira.

Vamos lá!

O que você gosta de **fazer** no Coqueiro? Quais os lugares onde mais gosta de ir?

Que lugar do Coqueiro você se sente mais **feliz**?

Que lugares do Coqueiro lhe deixam mais **inseguro**? Você se importaria de dizer o porquê?

Quais as pessoas que você considera que conheçam a história do **Coqueiro**?

Escolha alguém de sua família e pergunte qual o lugar que ela mais gosta no Coqueiro, um lugar que **marca** a vida dela e por quê?

Você tem **interesse** em contribuir com a construção de um mapa que apresente os pontos mais importantes do bairro Coqueiro?

() sim () não

Como você gostaria de se expressar para falar do Coqueiro? Seria através de:

a) () Desenhos

b) () Pintura

c) () Fotografia

d) () Grafite

e) () Escultura

f) () Música

g) () Dança

f) Diga Outros que não indicamos acima:

Você já fez ou faz algum trabalho de arte no seu dia a dia, na escola, em sua casa? Qual?

Vamos construir uma arte coletiva, com a participação de várias pessoas do Coqueiro. Você gostaria de participar desta atividade?

() sim () não

O que você gostaria de expressar através da arte?

a) () A sua família

b) () O lugar onde você mora

c) () As coisas que você vê e gosta

d) () As coisas que você vê e não gosta

e) () Diga Outros que não indicamos acima:

Agora faça um desenho de algo que você gosta muito. Além disso, nesse mesmo espaço, escreva datas importantes de sua história de vida que você guarde em sua memória.

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOME E DADOS BIOGRÁFICOS

Eu abaixo assinado e identificado autorizo o uso de minha imagem, som de minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimentos pessoais concedidos e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentado, para compor obras diversas que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas por ou para o Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia - Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Piauí, sejam essas destinadas à divulgação ao público em geral e/ou para formação de acervo.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa como também em mídia digital [programas de rádio, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros], Internet, banco de dados e suportes de computação em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus para o Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia - Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Piauí, ou terceiros por essa, expressamente, autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza sociocultural voltados à preservação e salvaguarda do patrimônio cultural, em todo território nacional e no exterior.

Declaro que autorizo o uso acima descrito e assino a presente autorização.

_____ (_____), _____ de _____ de 2018.

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG N.º:
CPF N.º:
Telefone para contato:
Nome do Representante Legal [se menor]:
Assinatura:



UM PRODUTO

mnpm

MESTRADO
ARTES, PATRIMÔNIO E MUSEOLOGIA